
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



**Cada pastor um
conselheiro**

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Senso comum

Qual a maior necessidade de um pastor, no cumprimento do seu ministério? Depois da comunhão com Jesus Cristo, eu penso que é o senso comum.

A própria expressão “senso comum” é um paradoxo, desde que é um traço comum que se possui. Da mesma forma, não pode ser facilmente definida porque, como a água que escorre por nossas mãos, é mais difícil segurar do que observar. Ela é melhor descrita pela palavra grega *phronesis*, que significa sabedoria prática. Aristóteles considerou a *phronesis* como a mais importante de todas as virtudes.

Senso comum na atividade pastoral sugere que a sabedoria prática supera os conceitos teóricos; que o conhecimento intelectual é mais efetivo quando aplicado à experiência diária. Significa examinar completamente qualquer idéia, a partir de seu uso prático no dia-a-dia. Saber teoricamente como se faz para movimentar um automóvel é uma coisa. Senso comum é colocá-lo na estrada e ver o seu desempenho.

Pessoas que não possuem senso comum usualmente colocam aquelas que o possuem num pedestal tão elevado como se fossem superdotadas. Eu discordo. Embora existam pastores que constroem sua própria frustração, por não utilizarem o senso comum, creio que isso é uma habilidade que pode ser aprendida e desenvolvida. Estou convencido de que certos métodos podem ser usados para a aquisição de uma qualidade prática de sabedoria, se um indivíduo estiver disposto a pagar o preço desse conhecimento. Qual é esse custo?

Atitude é mais importante que aptidão. Colocar-se na posição de um pesquisador é mais importante do que considerar-se a fonte do conhecimento. Se você acredita que tem todas as respostas, raramente fará importantes questões. Se crê que sua opinião é mais valiosa que a de outros, raramente vai dar ouvidos à sabedoria que pede entrada em sua mente estreita.

O que você aprendeu ontem é mais importante do que o que faz hoje. Experiência é um longo aprendizado. Primeiro, ela dá o teste; depois, a lição. Senso comum pode ser aprendido das falhas e acertos de sua experiência passada. Capitalize esse conhecimento agora. Cresça a partir dos desafios já enfrentados.

Tentar algo diferente pode ser o caminho certo, apesar dos riscos. Recentemente, li esta definição de insanidade: “Fazer sempre a mesma coisa, e esperar resultados diferentes.” A repetição por medo de cometer erros destrói a possibilidade de progresso. Toda mudança custa alguma coisa. Alguns membros resistem a qualquer inovação, por mera prudência. Se é necessário mudar, estabeleça um alvo e convide seus membros para acompanhá-lo. Considere o passado da sua congregação e o que ela é no presente. Conquiste o apoio dos líderes.

Ofereça alternativas em lugar de decisões. Senso comum no pastorado significa buscar consenso em qualquer assunto que não envolva questões morais. Aliás, essas questões são menos numerosas do que imaginamos. Você estará ileso se confiná-las aos Dez Mandamentos. Problemas como a cor do carpete, ou quais hinos serão cantados no Jardim da Infância são tratados, às vezes, com tal magnitude que causam divisão e controvérsia. Sugira alternativas à comissão para que seus membros decidam. Então esteja disposto a conviver com sua escolha.

Tentar fazer algo é mais importante do que fazê-lo com perfeição. Fico maravilhado ao verificar como o Espírito Santo usa a atmosfera de evangelismo numa congregação, para resolver outros problemas. Se você espera até sentir-se um grande evangelista, certamente jamais crescerá. No entanto, se usa seus talentos para proclamar o evangelho em uma apresentação pública, verá derramadas muitas bênçãos celestiais sobre seus esforços e sobre a congregação inteira. — James A. Cress.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Igrejas

Ano 68 – Número 02 – Mar/Abr. 1997 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 SENSO COMUM

James Cress

ENTREVISTA

4 EVANGELISMO ATUAL

Mark Finley

ARTIGOS

8 O CORAÇÃO DA LIDERANÇA CRISTÃ

Philip S. Follet

10 O CATOLICISMO NO BRASIL

Marcos Silva

16 CADA PASTOR UM CONSELHEIRO

Barry C. Black

21 UM HOMOSSEXUAL NA CONGREGAÇÃO

Kate McLaughlin

PASTOR

24 ABATIDO PELO ESTRESSE

Jack Lange

29 AFAM PARA NÃO CAUSAR FERIDAS

Sharon Cress

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Josias H. Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefté Carvalho; Izéas Cardoso.

Capa: Erlo

E-mail: saa@cpb.com.br

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO**

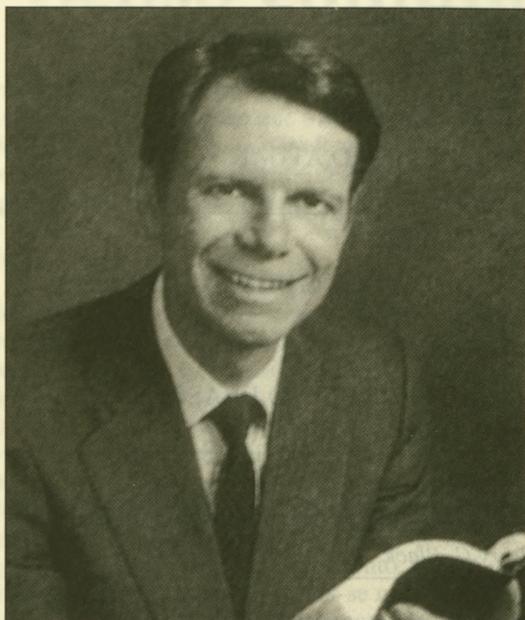
deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

4120

Evangelismo atual



Pastor Mark Finley

Nesta edição, concluímos a entrevista do número anterior com o Pastor Mark Finley, orador do programa Está Escrito, nos Estados Unidos, e que também liderou as campanhas evangelísticas NET 95 e NET 96; esta última centralizada na cidade

de Orlando, na Flórida, e atingindo vários países dos continentes americano e europeu.

A entrevista foi concedida ao Pastor Amin Rodor, Th.D., brasileiro que, atualmente, serve como pastor na Associação de Ontário, no Canadá. O Pastor Amin foi o tradutor das palestras da NET 96 para o idioma português.

MINISTÉRIO: *Considerando que a modernidade parece ter-se tornado uma força gasta e que a secularização deixou um vazio no coração humano, o senhor não acha que a Igreja está, agora, diante da possibilidade de uma nova "era apostólica"?*

MARK FINLEY: Pensemos no primeiro século de nossa era, que também era altamente secularizado. A filosofia grega, o poderio militar romano, a falência das religiões tradicionais, tudo isso parecendo ser obstáculo às pretensões evangelizadas dos cristãos. No entanto, o Espírito

Santo manifestou-Se poderosamente e o Nazareno, o Carpinteiro judeu, Jesus Cristo, o Filho de Deus, tocou o coração de muitas pessoas. Onde quer que eles pregassem a Palavra, sacudiam as estruturas prevaletentes. Abalaram os

grandes monumentos da secularização. Pensando no que aconteceu então, acredito firmemente que nós também, como Igreja, estamos entrando em um novo tempo apostólico. Do mesmo modo como o Espírito Santo iniciou o movimento cristão, Ele está agindo de maneira gloriosa para a terminação da Obra de pregação do evangelho.

MINISTÉRIO: *No seu modo de ver, está nosso evangelismo traduzindo a mensagem teológica para a linguagem das pessoas?*

MARK FINLEY: Acredito, honestamente, que temos limitações reais nessa área. Penso que nós ainda não começamos a explorar, efetivamente, a necessidade de tornar nossa mensagem plenamente relevante e compreensível para as pessoas, apresentando-a na linguagem que elas entendem, através de nossos métodos. Creio que, por exemplo, usando os recursos da tecnologia

que estão à nossa disposição, como vídeos, computadores, etc., estamos nos movendo nessa direção. Mas ainda há muito para ser feito. Essa é uma área que realmente deve ser mais explorada.

MINISTÉRIO: *Como administrar então a crítica que aponta a existência de uma confusão entre a mensagem, que é inalterável, e o método, que pode ser reinventado e adaptado?*

MARK FINLEY: Inicialmente, confesso que não estou nem um pouco preocupado com os críticos de cadeira, aqueles que estão sempre nos dizendo como fazer melhor o evangelismo. Gostaria, sim, que os críticos nos mostrassem seus métodos com resultados concretos e, então, nos demonstrassem como fazer. Mas eu creio, realmente, que o nosso evangelismo estagnou, em alguns aspectos. Acho que nos limitamos aos métodos do passado. A grande necessidade, o grande desafio para qualquer evangelista, hoje, é tomar a mensagem e proclamá-la através de métodos contemporâneos, com relevância, em linguagem inteligível para as pessoas, que as alcance onde elas estão.

MINISTÉRIO: *O senhor não vê o perigo de pastores e membros das igrejas ficarem tão dependentes da tecnologia, a ponto de negligenciarem coisas insubstituíveis como, por exemplo, o contato pessoal?*

MARK FINLEY: Certo pastor, aqui nos Estados Unidos (e eu estou certo de que os pastores brasileiros são mais inteligentes do que ele), disse à comissão de sua igreja: “Eu não estou muito interessado na NET 96. Sei que ela pode trazer algumas pessoas para a igreja, tem algum potencial para isso, mas não estou muito interessado.” Em seguida, falou para seu ancião: “simplesmente ligue os equipamentos.” Assim orientados, os membros daquela igreja não fizeram nenhum trabalho preparatório, nenhuma atividade que significasse contextualização do programa à realidade local. As reuniões falharam totalmente. E nem poderia ser de outro modo, a julgar pela atitude do líder. É preciso haver o que eu chamo de contextualização local. Isso significa que a beleza da tecnologia do satélite poupa o pastor local de gastar horas e horas, fazendo o que nós estamos fazendo. Ele fica livre para estar mais presente, orientando as pessoas de seu auditório. O pastor pode estar à porta cumprimentando as pessoas. No momento do

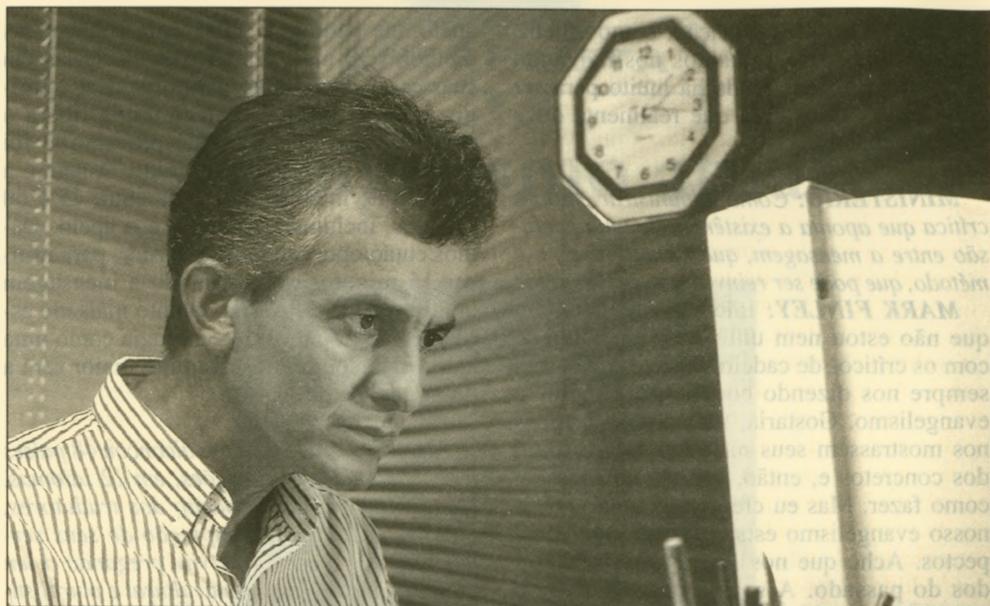
apelo, ele pode ir à frente para conhecê-las melhor, terá mais tempo para visitá-las em suas casas, bem como para organizar e dirigir a classe bíblica. A tecnologia libera o pastor porque uma parte do processo já foi realizada. Existe ainda um outro aspecto: a duração do meu sermão varia entre 45 e 60 minutos, incluindo a música e o apelo. Damos então oportunidade ao pastor, para utilizar 15 minutos recapitulando a mensagem da noite anterior. Assim, quanto mais ele estiver envolvido e ver a tecnologia como uma ajuda, não como um substituto, maior será a possibilidade de sucesso.

MINISTÉRIO: *NET 96 alcançou 48 países e centenas de congregações, em 12 idiomas. Houve ainda a participação dos tradutores, que fizeram alguma adaptação de seus sermões. Como o senhor se viu, pregando a um auditório tão diverso, multicultural e pluralístico? Onde encontrou o denominador comum?*

MARK FINLEY: Indubitavelmente, o denominador comum é a Bíblia, a Palavra de Deus, que ultrapassa culturas. Estou certo de que o denominador comum é Cristo, a cruz, que transcende diferenças. Certamente, o denominador comum é o Espírito Santo, que interpreta as palavras no coração de cada indivíduo. A simples mensagem do evangelho tem unido culturas e alcançado milhares de vidas. Se nós fôssemos vendedores seculares, e esperássemos que isso acontecesse, não teríamos nenhuma chance de êxito. Num mundo secular, com uma mensagem secular, isso nunca aconteceria. Mas, com o evangelho, temos uma mensagem comum, um Cristo comum e um Espírito Santo comum. Por essa razão, o sucesso não apenas seria possível, mas está sendo real.

MINISTÉRIO: *Uma das limitações óbvias do evangelismo via satélite, é que o pregador não pode estar presente, em carne e osso, na congregação. Como minimizar essa dificuldade?*

MARK FINLEY: O que pode ser uma dificuldade, nesse caso, pode também ser visto como uma vantagem. O fato de que o pregador não possa estar presente pode tornar-se um fator positivo. Vou explicar: se eu estivesse presente, em carne e osso, como você diz, talvez suscitasse um certo sentimento de dependência de mim e da equipe, por parte das pessoas. NET 96 coloca ênfase total no pastor e nos membros da igreja local. Eles se tornam,



William

portanto, mais ativamente envolvidos. Mas também há uma outra razão: se convidarmos pessoas para uma série de evangelismo convencional, com um evangelista “ao vivo”, em alguns lugares, o preconceito poderá impedir que algumas pessoas respondam positivamente. Mas quando convidamos alguém para ver simplesmente um programa via satélite, isso, de certa forma, tende a desarmar preconceitos e até gerar curiosidade. “Como poderá este pregador me afetar, se nem mesmo estará presente?”, alguém pode perguntar. Então, aqui, há uma certa fluidez. E isso significa que as pessoas poderão estar mais inclinadas a aceitar um convite para um programa desta natureza, onde elas não se sentirão intimidadas ou pressionadas de qualquer forma. Isso pode contribuir para o sucesso.

MINISTÉRIO: *Suas apresentações da NET 96 foram diferentes da NET 95. Qual a razão da mudança?*

MARK FINLEY: Na verdade, existem várias razões. NET 96 é minha segunda experiência. E não queria chegar aos telespectadores da Divisão Norte-Americana como um robô, apenas repetindo. Embora tomasse os sermões da NET 95 como base, tentei refazê-los completamente, com novas ilustrações e, em muitos casos, com novos textos bíblicos. Se eu tiver de fazer a NET 97, NET 98, ou qualquer outra, procederei da mesma maneira. A segunda razão para a diferença que você mencionou,

está relacionada à minha própria natureza. Não posso estagnar. Sinto necessidade de continuar crescendo, adicionando novo material, mais atualizadas e melhores ilustrações. Uma terceira razão é a existência de certa intencionalidade acerca da NET 96. Estive comprometido com o objetivo de tornar os sermões relevantes para as necessidades das pessoas, e reconheço que muitas delas eram pessoas que traziam o coração partido, cuja vida estava marcada por reveses e sofrimentos. Eu, realmente, planejei tornar a mensagem relevante para aquela mulher que talvez estivesse experimentando o trauma de um divórcio, para aquele homem que perdeu seu emprego, para aquelas pessoas que passavam por um período de incertezas, famílias enfrentando problemas com os filhos. Assim, tentei adaptar a mensagem às necessidades do meu auditório.

MINISTÉRIO: *Certos evangelistas modernos aparecem no início do show e desaparecem no final, pela saída dos fundos, diretamente para o quarto do hotel. Alguns até são protegidos por guarda-costas, alegando que não pregam para indivíduos mas para as massas. O que o senhor acha disso?*

MARK FINLEY: A menos que seu coração esteja tão quebrantado como o coração de Deus, pelos perdidos, você nunca poderá alcançá-los. Quando o evangelista se coloca à saída, cumprimentando as pessoas, ele co-

nece o homem que está morrendo de câncer, encontra a menina que passa por uma radioterapia, tem a oportunidade de encontrar-se com a mulher que se aproxima e chora porque o marido a deixou, ou porque o filho é viciado em drogas. Ele vê a garota que sofreu abuso sexual, ou o homem que está sendo levado às barras do tribunal. Tal experiência molda a pregação. Mesmo que o pregador não use ilustrações relacionadas com essas pessoas em particular, por respeito à sua privacidade, quando ele prega, inevitavelmente pensa nelas e em suas necessidades. As melhores ilustrações são obtidas no contato pessoal. E o estímulo que você recebe para a pregação, a partir das necessidades das pessoas que você encontra, é insubstituível. Como pregador, eu não gostaria de viver uma vida isolada, porque aí me tornaria irreal, remoto, distante, sem emoção. Muito da pregação tem a ver com paixão. Devemos pregar possuídos de paixão. E isso você só desenvolve estando entre as pessoas. Afinal, esse foi o princípio modelado no ministério de Jesus Cristo. Ele estava entre as pessoas. Misturou-Se com elas. Associou-Se a elas.

MINISTÉRIO: *Que lições da NET 95 lhe foram mais significativas para a NET 96?*

MARK FINLEY: Uma das coisas que aprendi foi a necessidade de aconselhar-me com aquelas pessoas que se comunicam comigo, por telefone ou fax, oferecendo sugestões ou conselhos. Aprendi que, embora deva ter senso de segurança e saber para onde estou indo, não sou o único sábio, nem o mais sábio. E, você sabe, estando na minha posição, recebo conselhos de centenas de pessoas. Ouço todas as idéias, descarto muitas, mas há um senso de que há vozes que estão vendo e percebendo as coisas de maneira diferente daquela pela qual eu vejo e percebo, às quais preciso dar atenção. Essa foi uma grande lição. Também aprendi a ser mais agressivo. Não devo ser tímido, mas fazer apelos fortes e permitir que Deus toque os corações através desses apelos, reconhecendo que Ele fará justamente isso. O trabalho pertence a Ele. Finalmente, aprendi a relaxar. Na campanha anterior eu estava mais tenso. Agora me senti mais calmo. Alguém até perguntou se eu pensava nos 48 diferentes países, durante a pregação, e eu respondi que não pensava. Apenas me con-

centrava na mensagem que pregava. Essa atitude me deixou mais livre.

MINISTÉRIO: *Certamente o senhor deseja partilhar uma mensagem ou fazer um apelo aos nossos leitores. Qual seria essa mensagem?*

MARK FINLEY: Sem dúvida, experimentamos grandes bênçãos na campanha evangelística NET 96. Num dos batismos, tivemos no tanque um juiz cubano, que havia sido sentenciado à prisão, muitos cristãos e pregadores adventistas. Era ateu, marxista. Tinha especial prazer em odiar os adventistas do sétimo dia. Imigrara de Cuba para os Estados Unidos e, quando chegou como refugiado, era um homem sem rumo, vagando pelas ruas, sem dinheiro. O filho de um pastor adventista o reconheceu e o convidou para ir à sua casa a fim de participar de uma refeição. O pastor deixou que ele permanecesse em seu lar e começou a falar de Cristo para ele. Esse pastor adventista cubano apresentou o juiz a um outro colega de ministério, também cubano, e este o reconheceu como o juiz que certa vez o condenara a quatro anos de prisão. Finalmente, a emoção de ver ambos, o pastor e o juiz, no tanque batismal, foi intensa. Ver aquele juiz ser batizado pelo mesmo pastor que ele havia castigado. Uma maravilha! Ver o poder de Deus transformando vidas é algo para o que não existe comparação. Evangelismo é vida. Qualquer igreja que não esteja evangelizando, está morrendo. Qualquer pastor que não esteja envolvido em evangelismo está parado no tempo e perdendo a oportunidade de ver sangue novo jorrando para dentro da igreja, jovens e adultos se convertendo. Está perdendo a chance de ter uma igreja possuída de visão e consciente de sua missão. Qualquer igreja que não esteja envolvida em evangelismo, estará dividida em conflitos internos, debatendo-se sobre questões insignificantes. E eu considero que meu grande gozo não é apenas fazer evangelismo, mas ver outros pastores experimentando essa alegria; ver leigos vivendo a maravilha dessa descoberta. Ver a Igreja redirecionada para o propósito para o qual ela existe. Porque afinal, a Bíblia diz que "o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido." (Luc. 19:10). Deus tinha um Filho unigênito e Ele O enviou numa missão evangelística. Certamente não podemos fazer nada melhor do que isso.

O coração da liderança cristã

PHILIP S. FOLLET

Vice-presidente da Associação Geral da IASD

O Pastor Don Reynolds conta que, certa vez, durante um vôo, conversava sobre aspectos de liderança com um presidente de Divisão. De repente, um outro passageiro que ouvia a conversa interferiu, comentando a suposta incoerência de certos líderes. Disse ele: “Se um líder diz que vai fazer algo, faz justamente o oposto.”

Num campo de batalha, os soldados foram instruídos para apontar suas armas primeiramente na direção dos líderes do exército contrário, pois quando os líderes são destruídos, os soldados perdem sua força moral. Sabe-se até de soldados que abatem seus oficiais impopulares no fragor da batalha. Algumas vezes, eu me surpreendo de que essa é a analogia que melhor se ajusta à Igreja nos dias atuais.

A liderança está enfrentando tempos difíceis. Líderes estão sendo questionados, desafiados, desacreditados e colocados sob suspeita.

Admoestações e expectativas

Já nos dias do Novo Testamento, o escritor da Epístola aos Hebreus aconselhava: “Lembraí-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a Palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram. ... Obedecei aos vossos guias, e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros.” (Heb. 13:7 e 17).

Nesse texto encontramos uma série de admoestações. Entre elas, um chamado para lealdade aos líderes, bem como uma descrição das expectativas relacionadas com líderes cristãos. As admoestações reafirmam aqueles que estão na liderança: “Lembraí-vos”, “obedecei” e “sede submissos”. E as expectativas em relação aos líderes, retratadas nesses versos, são solenes e quase emocionantes.

Como são descritos os líderes cristãos? Que comportamento os membros das nossas igrejas têm o direito de esperar de nós, como líderes? O escritor bíblico responde:

1. “*Vos pregaram toda a Palavra de Deus.* O primeiro dever que, segundo o texto em consideração repousa sobre o líder cristão é o compromisso com a proclamação da Palavra de Deus. Liderança cristã não é primeiramente um assunto de excelência organizacional ou conquistas acadêmicas. Ela não está construída sobre o fundamento da perspicácia financeira ou da astúcia corporativista. Deus, evidentemente, não deprecia apropriada aquisição de aprendizagem e experiência. Mas Ele conduz Sua Igreja, através de pessoas cujas vidas estejam saturadas com a Palavra de Deus.

Certo oficial da igreja, empreiteiro de um edifício, residia na cidade de Nova Iorque. Ao dirigir seu automóvel, numa determinada manhã, foi abordado por dois homens, enquanto esperava a luz verde do semáforo. Empunhando revólveres, os desconhecidos ordenaram que seguisse em direção a uma área deserta e suspeita. Em lá chegando, saíram do carro e ficaram argumentando entre si. Após alguns minutos de conversa, um deles retornou e pediu ao nosso irmão apenas dinheiro para comer, mandando-lhe que fosse embora.

Dois dias depois, novamente parado num semáforo, nosso irmão foi abordado por um daqueles homens que logo lhe garantiu estar desarmado. Pediu-lhe permissão para um diálogo e perguntou-lhe se era um adventista do sétimo dia. “Sim, sou”, foi a resposta. “Eu vi a Bíblia e a Lição da Escola Sabatina em seu carro, no último dia em que nos encontramos”, disse o desconhecido, acrescentando ter sido um adventista no passado, e ter demovido o companheiro assaltante da idéia de matá-lo e roubar-lhe o carro, quando viu o material devocional.

Embora a motivação maior para o estudo da Bíblia não deva ser a salvação da vida física, o exemplo acima mostra que isso pode ocorrer. Mas, eu insisto em que nossa vida espiritual estará à mercê das perigosas forças da impiedade social, do materialismo e do secularismo, da mesma forma que nossos corpos diante das armas de fogo. É necessário tomar tempo para comungar com Deus

através de Sua Palavra. Se permitirmos que a televisão, os esportes, hobbies, e mesmo os deveres de nossas atividades pastorais entrem em competição com o estudo da Bíblia, certamente ela não terá nenhuma chance.

Precisamos tomar a firme decisão de priorizar o tempo com a Palavra de Deus. Não apenas para ensinar alguma lição, preparar estudos bíblicos ou sermões, mas para construir nossa própria vida.

O sucesso do ministério de Paulo estava relacionado com o uso que fazia da Palavra. Não pregava a si mesmo, mas a Cristo (II Cor. 4:2 e 5). Usava a Escritura para exaltar a Cristo (I Tess. 2:13; II Tim.4:3).

Quando abrimos a Bíblia para ensinar, ficará evidente se estamos partilhando uma vida plena do Espírito, através do estudo das Sagradas Escrituras, ou se falamos superficialmente. Deixe que a Palavra de Deus fale a você, pastor, e através de você a outras pessoas. Os ouvintes querem ver a coerência de nossos atos e palavras com aquilo que diz a Palavra de Deus. Nossa vida deve ser a tradução da Palavra àqueles que nos ouvem e com os quais nos relacionamos, mesmo no círculo familiar.

Os líderes são conhecidos como pessoas de visão, valores e princípios. Stephen Covey, um especialista no ramo de liderança, estabelece uma distinção entre princípios e valores. Ele nos lembra que mesmo os ladrões têm seus padrões de valores – não se envolverem com outras *gangs*, o dar informações sobre um comparsa, por exemplo. Princípios, afirma Covey, são imutáveis, em virtude de estarem enraizados em verdades que transcendem idéias humanas. É justamente isso o que o escritor de Hebreus está nos dizendo. Firme sua liderança nos eternos princípios da Palavra de Deus. Deixe as Escrituras brilharem como uma estrela fixa na constelação de sua vida. Então, vá em frente.

2. *“Imitai a fé que tiveram.”* Essa frase nos leva à famosa galeria mundial da fé, exposta no capítulo 11 do livro de Hebreus. Ali se encontram figuras tais como Abel, Enoque, Noé, Abraão, Sara, Isaque, Jacó, José, Moisés, Raabe, Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel, “os profetas” – que lista fantástica! Todos nós gostaríamos de fazer parte dela, juntamente com Abel, Enoque, Noé, e outros, mas talvez quereríamos deixar fora Jefté, Raabe e mesmo Sansão. Porém, o ponto de maior importância parece ser que todas essas pessoas, as boas e as não tão boas, deixaram-se usar por Deus para o cumprimento de alguma missão especial

para Ele. Assim, o autor de Hebreus diz: “Imitai a fé dos vossos líderes.”

Como nos qualificamos para isso? Modernos especialistas em liderança dizem que uma qualidade dos líderes efetivos é que eles arriscam em lugar de quererem ser imitados no medo de falhar. É você um líder que arrisca-se pela fé, ou somente avança quando vê o caminho aplainado? Em geral, quanto mais recursos a Igreja acumula, menor é a disposição de arriscá-los no cumprimento de sua missão.

Não estou dizendo que devemos agir de modo irresponsável ou presunçoso, mas por fé. Então seremos dignos de ser imitados.

3. *“Considerando atentamente o fim da sua vida”*. Que significa a expressão “fim da sua vida”, ou “maneira de vida”, como dizem outras traduções?

Recorrendo novamente a Stephen Covey, encontramos sua afirmação no sentido de que as pessoas mais eficientes, especialmente líderes, “iniciam seus projetos tendo um fim em mente”. Isso enfatiza a importância de termos um propósito compensador, um alvo, um objetivo para nossa vida. A qualidade de vida é medida, não pela força que acumulamos, a popularidade que desfrutamos, ou o aparente sucesso de nossos empreendimentos. Nossa vida é medida por seu objetivo final.

4. *“Velam por vossas almas, como quem deve prestar contas.”* Líderes cristãos dispõem tempo e constante cuidado pelas pessoas, valorizando-as como filhos e filhas de Deus, indivíduos pelos quais Ele deu a vida. E aceitam prontamente esse compromisso diante de Seu Senhor.

5. *“Com alegria e não gemendo.”* Líderes cristãos eficientes desfrutam o seu trabalho. Eles têm de aproveitar cada minuto de seu tempo, e olham sempre adiante ao iniciar cada dia. Sua alegria e maior satisfação nasce da oportunidade de poder contribuir para o crescimento de outros. Para eles é o conselho de Pedro, no sentido de agir não como “dominadores da herança de Deus”, mas guiando pelo exemplo, visão e encorajamento.

Amor mútuo

Como líderes e irmãos em Jesus Cristo, amemo-nos uns aos outros. Amemos a Deus, ensinemos Sua palavra. Amemos Seu povo, e dessa maneira nos regozijaremos no privilégio de exercer a liderança cristã.

O catolicismo no Brasil

MARCOS SILVA

Professor de História e Filosofia, no IUPERJ, Cachoeira, BA

Não faz muito, foi lançada no Brasil a tradução de uma biografia do papa João Paulo II, na qual o autor, Tad Szulc, um polonês correspondente do *New York Times*, expõe a participação do pontífice católico nos eventos que culminaram com a derrocada comunista. A revista *Veja*, por sua vez, comentou o lançamento da obra original, num artigo com um título bastante revelador: "No centro da História". Pois é justamente essa participação central da Igreja Católica, especificamente nos eventos que fizeram a História do Brasil, como uma instituição que tem oscilado entre um maior ou menor grau de conscientização e compromisso com a sociedade, que será abordada neste artigo.

Analisando de forma panorâmica a marcha da Igreja Católica em nosso país, ao longo dos grandes períodos históricos, é necessário compreender que o catolicismo que aqui se instalou possuía as características específicas do catolicismo ibérico, especialmente português.

Assim sendo, uma instituição peculiar do catolicismo, no período colonial, foi o chamado Padroado Régio, por meio do qual a Santa Sé reconhecia aos reis de Portugal o direito aos governos civil e religioso. Dessa forma, a partir de D. Manuel I, o Venturoso (1495-1521), a coroa exercia um controle quase completo sobre a Igreja em Portugal e suas colônias. Na verdade, a colonização foi um grande processo histórico em que a união de esforços da monarquia nacional, da nobreza e da burguesia mercantil, não teria sido suficiente para viabilizá-lo sem a adesão e a participação ativa da Igreja Católica. Cada navio que partia da Península Ibérica, em direção ao novo mundo, trazia um sacerdote católico, investido de grande autoridade para zelar pelos costumes e vida religiosa da tribulação.

Colonização, missão e escravidão

Os portugueses acreditavam que, ao fundar um império colonial, estavam, na verdade, cumprindo uma missão religiosa.

No seu primeiro livro de caráter histórico, *América Latina: Da Conquista à Nova Evangelização*, publicado em 1992, quando foram comemorados os 500 anos do Descobrimento da América, Leonardo Boff afirma: "O cristianismo que chegou à América Latina é gerado na matriz européia greco-romana-alemã. Veio transplantada no nosso continente uma instituição religiosa que fazia parte do imenso projeto colonial de ocupação militar e aproveitamento econômico dos mundos a serem dominados. Não foi uma evangelização no estrito senso."

Dessa forma, o caráter da primeira obra católica no Brasil Colônia, a catequese, é posto em dúvida, tendo em vista suas ligações com o Estado, pois até os nomes dos missionários a serem enviados ao Brasil, dependiam da aprovação do rei. A tarefa de evangelizar passava a ser uma empreitada política. A Igreja era o organismo que assumia a responsabilidade de impor a cosmovisão européia sobre as populações nativas.

A ação missionária católica nos primeiros tempos da colonização se fez através das várias ordens religiosas que estiveram presentes no Brasil desde logo após o descobrimento. Embora os franciscanos tenham sido os primeiros a chegar ao Brasil, foram os jesuítas que mais se destacaram na catequese e no ensino do Brasil colonial.

O historiador Eduardo Hoornaert apresenta a ação dos missionários católicos no Brasil, seguindo as grandes etapas ou diferentes momentos da própria colonização. Num primeiro momento, os missionários ajudaram na conquista e povoamento do litoral, incluindo a "costa do pau-brasil" e o Nordeste canavieiro. Um segundo ciclo missionário acompanhou o povoamento do sertão através da pecuária, seguindo o curso dos rios, especialmente do São Francisco. O terceiro ciclo cooperou para a penetração da região Norte, destacando-se a atividade dos "droguistas". Finalmente, o quarto movimento missionário, que foi promovido dire-



tamente pelos leigos na região das Minas Gerais, através das irmandades.

Apesar da ambigüidade em que se encontravam, engajados num projeto de evangelização inseparável do projeto português de colonização pela força e sem maiores compromissos morais, os jesuítas souberam em muitos casos transformar-se, pela dignidade de seu comportamento, em cristãos perseguidos, mas que não cederam. E isso não parece simples dentro de um contexto em que a evangelização era tida como um processo que só seria consumado pelo medo.

É o próprio superior da primeira leva de jesuítas, Manuel da Nóbrega, chegado em 1549 com Tomé de Souza, quem o diz: "Talvez por medo se converterão mais depressa do que o não farão por amor."¹

Os jesuítas executavam um plano de aldeamentos para evangelizar os índios. Aí, tanto buscavam evitar que os índios caíssem nas mãos dos portugueses que pretendiam

escravizá-los, como lutavam para que cada vez mais perdessem sua identidade e se tornassem "verdadeiros cristãos". Assim, uma das críticas que os historiadores fazem ao trabalho dos jesuítas é a de terem destruído a cultura nativa. "Os missionários não conseguiram ser abertos diante dos valores inerentes destas culturas, e somente percebiam

que eram idólatras e atrasadas."²

Alguns jesuítas, como Gonçalo Leite, Miguel Garcia e Gabriel Malagrida, se levantaram contra a escravização de

índios e negros, e, em geral, contra os métodos dos colonizadores, denunciando inclusive "a multidão de escravos que tinha a Companhia de Jesus no Brasil".

Todos foram finalmente expulsos, sendo Malagrida queimado pela Inquisição em Portugal, em pleno século XVIII, causando revolta por toda a Europa. O exemplo máximo do trabalho dos jesuítas com os índios foi nas chamadas reduções da região de

Se os jesuítas se destacaram na sua luta contra a escravidão do nativo, com relação à escravidão do negro eles se calaram e chegaram a ter muitos escravos.

Guaíra, no século XVII, onde os jesuítas reuniram cerca de 150 mil índios guaranis. Nas fronteiras entre o território colonial português e o espanhol, formou-se uma verdadeira "República dos Guaranis", destruída pelos bandeirantes, que desejavam contar com os índios para o trabalho escravo.

Se os jesuítas se destacaram na sua luta contra a escravidão do nativo, com relação à escravidão do negro eles se calaram e chegaram a ter muitos escravos. Nos colégios, dizia-se, os negros eram escravos "dos santos", não dos padres. Obviamente, a importante e lucrativa função comercial do tráfico negreiro para o colonialismo impedia as consciências dos jesuítas de despertarem contra a escravidão negra, sendo desculpada por eles com o argumento de que os negros já eram escravos em suas terras, o que não acontecia com os índios.

Tidos como "criadores de nosso ensino, de nosso teatro e, de certo modo, de nossa medicina e de nossa arquitetura; preservadores das

línguas indígenas..."³ os jesuítas, no século XVIII, já não se constituíam modelo de caridade e trabalho. A Companhia de Jesus enriquecera em poder e fazendas, e muitas acusações foram acumuladas pela

administração do Marquês de Pombal contra eles, sendo a principal a de que a Companhia se tornara em um Estado dentro do Estado português, culminando esse processo na expulsão dos jesuítas de Portugal e suas colônias, em 1759.

Com relação ao clero secular do período colonial, o testemunho historiográfico é por demais negativo. Eles são descritos como ambiciosos, intrigantes, possuidores de maus costumes, cometendo abusos. Ficou historicamente marcada a intriga do primeiro bispo do Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha com o segundo governador geral, Duarte da Costa. Isso demonstra o poder da Igreja Católica, nos séculos XVI e XVII, quando os bispos podiam até mesmo atuar como juízes, desfazer as sentenças dos magistrados e castigá-los.

"Seja por meio das ordens religiosas ou do clero secular, a Igreja Católica teve uma enorme influência no Brasil colonial. Junto

com os colonos e sacerdotes portugueses, transferiu-se para a nova terra muito do fervor religioso que caracterizava a Europa da época da Reforma e da Contra-Reforma...

"A Igreja era também a única forma de serviço social que se conhecia, dando amparo aos velhos, órfãos e enfermos, cuidando da educação das crianças e organizando a maioria das festas populares."⁴

Terra prometida

Até agora, apresentamos as faces mais conhecidas da atuação católica no Brasil. Além da evangelização, da disseminação da ideologia eurocêntrica e das atividades assistenciais, o clero estava encarregado também de garantir a perpetuação da estrutura ideológica. Para tanto, fazia-se uso do Tribunal do Santo Ofício, a Inquisição.

"Juridicamente, as autoridades eclesiásticas exerciam domínio sobre cristãos, e, portanto, dela se

excluíam os não-cristãos, inclusive árabes e hebreus. Mas esses, se cristianizados, ficavam sujeitos ao regime jurisdicional reconhecido pelos monarcas, de modo que suas heresias, tanto

A Igreja Católica era a única forma de serviço social que se conhecia. Amparava velhos, órfãos e enfermos. Cuidava da educação de crianças e organizava a maioria das festas populares.

quanto as dos demais cristãos, subordinavam-se à disciplina dos inquisidores. Os falso-convertidos chamavam-se 'marranos'; e os efetivamente conversos, 'cristãos novos.'"⁵

Na Península Ibérica, a Inquisição prolongou-se por mais tempo do que no resto da Europa, tendo em vista que nessa região havia uma grande concentração semita e os interesses econômicos da nobreza, em apoderar-se da riqueza dos judeus, fizeram dos marranos e/ou cristãos novos as vítimas preferidas da Inquisição em Portugal.

A perseguição aos cristãos novos fez com que muitos fugissem para a Holanda. Mas o principal ponto de atração para os cristãos novos, no final do século XVI, era o Novo Mundo, o Brasil, chamado por muitos deles de "terra prometida". Na realidade, a imigração de judeus ou cristãos novos para o Brasil, ocorreu a partir do descobrimento e intensificou-se após o reinado de D. João III, que não

teve forças para resistir à pressão da nobreza e do alto clero, desejosos que estavam de apoderar-se dos capitais dos judeus que compunham boa parte da burguesia mercantil portuguesa, forçando o rei a solicitar à Santa Sé a criação de um tribunal da Inquisição em Portugal, o que ocorreu a partir de 1536.

E, como diz Jânio Quadros, em sua *História do Povo Brasileiro*, se vieram judeus, ou melhor, cristãos novos, para o Brasil, veio também a Inquisição. Apesar do Tribunal do Santo Ofício nunca ter se estabelecido diretamente no Brasil, esteve aqui através da figura dos “Visitadores”, ou seja, inquisidores credenciados para representar o Santo Ofício na Colônia, que deveriam contar com toda ajuda do representante local da Coroa portuguesa para desempenhar suas funções.

Economicamente, as visitas trouxeram prejuízos para a Colônia, uma vez que afastava cristãos novos possuidores de riquezas, temerosos de perseguição. Calcula-se que o número de moradores da colônia que foram remetidos a Portugal pela Inquisição brasileira e lá pereceram nos “autos-defé”, foi em torno de 500, sendo um número bem maior os que tiveram os seus bens confiscados pelos inquisidores.

No século XVIII, com o apogeu do ciclo aurífero, surgiu um processo de urbanização no Brasil, que contribuiu para o desenvolvimento do trabalho leigo entre os católicos, através das ordens terceiras e das irmandades. Algumas se tornaram bem ricas e construíram igrejas e capelas no estilo barroco, utilizando o ouro em larga escala.

Movimentos políticos

Nesse século, também assinalamos a influência do pensamento iluminista sobre o clero católico no Brasil, gerando a participação ativa de religiosos católicos em movimentos políticos nativistas, como a Inconfidência Mineira de 1789, na qual participaram o Padre Carlos Correia de Toledo e Melo, “vigário de São José Del Rei, rico minerador”, e o Cônego Luís Vieira da Silva, “possuidor de biblioteca de excepcional interesse para o conhecimento das leituras habituais dos conjurados de maior cultura”, que deu origem a um livro escrito pelo professor Eduardo Frieiro, intitulado *O Diabo na Livraria do Cônego*.

No início do século XIX, ainda era forte a participação de padres em movimentos políticos no Brasil. “Mas esclarecidos, mais crí-

ticos e com maior acesso às informações, cumpriam os padres, então, uma tarefa de liderança política”,⁶ sendo muitos executados pelas autoridades coloniais.

“Os frades eram engenheiros, astrônomos e matemáticos disponíveis, e tinham acesso ao que se chamava então de mistérios democráticos, ou ciência oculta da liberdade. Do seminário, as idéias do iluminismo europeu transferiram-se para as academias, que reuniam padres e maçons.”⁷

Dentro desse processo, destacou-se o Seminário de Olinda, em Pernambuco, que foi o ambiente para a gestação de movimentos como a Revolução Pernambucana de 1817, chefiada pelo Padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro. Ela ficou conhecida como a “Revolução dos padres”, uma vez que cerca de 15 religiosos, entre padres, freis, subdiáconos, monsenhores, e outros, estiveram envolvidos ativamente, desempenhando papel de liderança no movimento.

Entre os sobreviventes desse levante estava o frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, o Frei Caneca, que posteriormente teve participação importante na Confederação do Equador, em 1824, durante o Primeiro Império. Pela Constituição do Império, de 1824, o catolicismo era a religião oficial do Brasil, tendo continuidade o padroado, e sendo instituído agora o placet, ou seja, a necessidade de aprovação por parte do imperador para o funcionamento de qualquer bula papal no Brasil.

Durante o período imperial, surgiu um movimento de renovação dentro do clero católico, que pretendia dar uma nova face à Igreja nacional. A partir dessa idéia de renovação, duas correntes se formaram dentro da Igreja. A primeira, liderada pelo Padre Feijó, chamada de Regalistas Radicais, tinha como proposta mais revolucionária o fim do celibato clerical, além de defender a continuidade da união da Igreja com o Estado.

A outra corrente era doutrinariamente ultraconservadora, acabou sendo rotulada de Grupo Ultramontano, e defendia a observância absoluta da orientação papal. Desejava ver a Igreja dissociada do Estado.

Os ultramontanos foram organizados a partir de 1844, sob a liderança de D. Antônio Viçoso, bispo de Mariana. Essa época de reação ultramontana coincidiu com a condenação do Liberalismo, por parte da Igreja, e também com a declaração dogmática da infalibilidade papal de 1870.

Assim, na Igreja Católica desse período opuseram-se papistas e liberais até à desembocadura do conflito na chamada “Questão Religiosa” que abalou o Império no período

de 1872 a 1875. Na realidade, a Questão Religiosa nasceu do conflito da Igreja com a Maçonaria, que havia sido condenada pelo papa Pio IX (1846 a 1878).

Tendo em vista que a maioria do ministério de D. Pedro II era formada por maçons, dois incidentes, um no Rio de Janeiro e outro no Recife, levaram as autoridades eclesiásticas a exigirem medidas contra a participação dos maçons na Igreja. Estes recorreram ao imperador, alegando que as bulas papais condenando a Maçonaria não tinham validade no Brasil, pois aqui, nunca haviam obtido o *placet* imperial. A decisão do imperador foi favorável aos maçons, o que gerou protestos e a recusa dos bispos de Olinda, Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, e do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa.

Ambos foram submetidos a julgamento no Supremo Tribunal de Justiça e foram condenados a quatro anos de prisão com trabalhos forçados, apesar de serem anistiados posteriormente. Tal fato contribuiu para afastar a Igreja do Império, além de ferir a religiosidade popular.

Reação e socialização

Com o advento da República, ocorreu a separação entre Igreja e Estado, a partir de 1890, quando a Igreja procurou redefinir a sua atuação no Brasil, isolando-se das questões sociais e políticas e recebendo forte influência européia. Foi a vitória da corrente romanista.

O Brasil sofreu a influência do materialismo prevalente no mundo ao final do século XIX, especialmente do positivismo de Comte, acarretando o afastamento das elites da Igreja. Do outro lado da pirâmide social, a vinda de imigrantes para o Brasil que haviam tido contato com as idéias socialistas e anarquistas na Europa, trouxe o germe dessas ideologias materialistas das classes operárias para o país, especialmente nas zonas urbanas.

“A persistente religiosidade dos nordestinos

A partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja Católica assumiu a chamada opção preferencial pelos pobres, numa época em que os militares chegaram ao poder.

era impressionante, se for levada em conta a situação de abandono dos rebanhos eligiosos. Em 1887, das 190 paróquias existentes no Estado da Bahia, 124 não tinham padres permanentes. Para fazer frente à falta

de pastores, a Arquidiocese de Salvador recorria aos chamados estrangeiros, missionários jesuítas, franciscanos ou capuchinhos vindos da Europa, que nada conheciam da realidade sertaneja, e muito mal falando o português.”⁸

No sertão nordestino, a crise social agravada com o advento da República, encaminhou a massa desassistida social e religiosamente para o messianismo de um Antônio Conselheiro, que conseguiu reunir por volta de 1896, cerca de 20 mil habitantes no sertão baiano, na localidade denominada Arraial de Canudos, à margem do rio Vaza-Barris.

O Exército republicano mobilizou a metade de seu contingente para, com o apoio da Igreja, no dia 5 de outubro de 1897, esmagar a comunidade de beatos que ali esperavam construir uma cidade santa, Belo Monte. Só nesse dia foram degolados oito mil beatos, não havendo nenhum sobrevivente no Arraial de Canudos. Até que ponto uma Igreja pode estar distante da compreensão da realidade social do povo a quem deve ministrar o evangelho!

Essa foi a situação do catolicismo no Brasil, no final do século XIX. No entanto, desde 1891, o papa Leão XIII lançara a Encíclica *Rerum Novarum*, na qual definia a doutrina social da Igreja Católica.

Foi no sentido de uma reaproximação da Igreja com o povo, que no início deste século tiveram destacada atuação os Padres Júlio Maria e D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda e, posteriormente, do Rio de Janeiro. Nessa função, a partir de 1930, Leme iniciou uma reaproximação com o Estado, inserindo as “reivindicações católicas” na Constituição de 1934, sendo a principal delas a legislação familiar pautada pelos princípios católicos. A partir da década de 40, começou a se destacar o Padre Helder Câmara, que alimentava a idéia da criação de um órgão que congregasse todos os bispos do país, mais tarde concretizada com a formação da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros, CNBB, em 17 de outubro de 1952.

Durante os anos 50, a Igreja esteve comprometida com programas sociais do governo de Juscelino Kubitschek, especialmente no Nordeste, colaborando na criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, Sudene. Apoiou-se também na estratégia de mobilização do laicato, através da criação da Juventude Agrária Católica, JAC, Juventude Estudantil Católica, JEC, Juventude Universitária Católica, JUC, e outros movimentos jovens.

Como fruto dessa mobilização, e sob a influência da Revolução Cubana de 1959, surgiu a esquerda católica, sobretudo devido à evolução da JUC, que buscava inspiração nas encíclicas do papa João XXIII, as quais dirigiram o pensamento da Igreja para os pobres, os países do Terceiro Mundo, os marginalizados.

Assim, a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), com os núcleos pioneiros das Comunidades Eclesiais de Base e com a Teologia da Libertação, a Igreja Católica brasileira assumiu a chamada "opção preferencial pelos pobres", numa época em que os militares chegaram ao poder através da Revolução de 31 de março de 1964, com o objetivo de integrar definitivamente o Brasil no capitalismo internacional.

Coincidindo com o movimento militar de 64, D. Helder Câmara foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife, e se tornou então a figura mais destacada do chamado clero de esquerda no Brasil, como também o pivô do início da repressão ditatorial contra a Igreja, sendo considerado subversivo pelos militares. A partir de 1968, vários padres foram presos e expulsos do país, bispos foram processados, levando a igreja a uma ruptura com o sistema político em vigor.

Fracionamento

Dentro desse contexto histórico, sob a influência da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Celam, realizada em Medellín, Colômbia, em 1968, e a III Celam, realizada em Puebla, México, em 1979, a Igreja Católica brasileira entrou em crise, dividindo-se em três alas antagônicas: a dos progressistas, representando 15% dos bispos; a dos conservadores, representando 20%, e a dos flutuantes, atraindo 65% dos bispos brasileiros. Na realidade, essa crise foi vista por alguns "como uma espécie de cabo-de-guerra em que, de um lado da corda, se coloca o poder central da Igreja Católica – o Vaticano – e, do outro, as tendências em defesa de uma maior autonomia".⁹

Havendo-se articulado primeiramente, a ala progressista, adepta da Teologia da Libertação, tem tido preponderância sobre a CNBB e participado intensamente da vida político-social do país, através do apoio à luta sindical, ao Movimento dos Sem-Terra, à luta em defesa da cultura das terras indígenas, à luta em defesa dos direitos humanos, ou denunciando as condições de miséria da população nordestina e também mediante apoio explícito ao Partido dos Trabalhadores.

Enquanto isso, a ala conservadora se deteve em aprimorar a espiritualidade, através de movimentos como o de Renovação Carismática, realização de cursilhos, treinamento de liderança para jovens, e também se empenhando em obter junto ao Vaticano o arrefecimento da ala progressista, conseguindo punições sucessivas para Leonardo Boff, desmembramento da Arquidiocese de São Paulo e fechamento de dois seminários progressistas na Arquidiocese de Olinda e Recife.

Sobre a situação da Igreja Católica no Brasil hoje, caberia uma análise muito mais profunda e detida, levando em conta o crescimento do Movimento Carismático, a reação geral ao crescimento do protestantismo e do pentecostalismo, as mais recentes tendências no seio do catolicismo, e outros fatores que a limitação deste espaço não permite abordar.

Tendo em vista que o Brasil está prestes a se tornar também o país com maior número de adventistas em todo o mundo, cabe, a esta altura, a pergunta: Não haveriam importantes lições a serem tiradas da reflexão histórica sobre o catolicismo no Brasil? Não seria o momento de maior conscientização de nossa parte, no que diz respeito à inevitável relação da Igreja com a sociedade?

Interrogações dessa natureza podem se multiplicar. Algumas delas encontrarão uma resposta até na conformação de nossa estrutura.

Referências:

1. Marcos de Castro, *Igreja e Estado no Brasil*, pág. 216.
2. Earle E. Cairns, *O Cristianismo Através dos Séculos*, pág. 306.
3. Hélio Vianna, *História do Brasil*, vol. 1, pág. 103.
4. Saga, *A Grande História do Brasil*, vol. 15, pág. 30.
5. Jânio Quadros & Afonso Arinos de Melo Franco, *História do Povo Brasileiro*, vol. 3, págs. 67 e 68.
6. Nilson Lage, *Ao Encontro do Povo de Deus*, pág. 30.
7. José Oscar Beozzo, *História da Igreja no Brasil*, pág. 156.
8. *Superinteressante*, novembro de 1993, pág. 59.
9. *ISTOÉ*, 01/08/1990, pág. 20.

Cada pastor um conselheiro

BARRY C. BLACK

*Doutor em Psicologia Pastoral, é capelão do U. S.
Atlantic Fleet*

De repente, tive a sensação de que meu preparo como conselheiro matrimonial carecia de profundidade e substância. A tinta do diploma recebido no seminário parecia ainda estar úmida, enquanto as lágrimas que deslizavam pela face da paciente, sentada diante de mim, ressaltavam meus sentimentos de incapacidade. Seu casamento estava abalado, e meus esforços para lembrar os princípios memorizados nas aulas de psicologia pareciam inúteis. Como poderiam o id, ego e o superego produzir alguma forma de sanidade mental para aquelas desafiantes circunstâncias?

“Meu esposo também está querendo vir comigo, aconselhar-se, pastor”, ela sussurrou, somente fazendo-me sentir maior apreensão.

Foi depois dessa experiência que fui impelido a fazer um curso de pós-graduação em aconselhamento e psicologia. Pensei que isso me habilitaria a ministrar a complicada disciplina do aconselhamento. Minha zelosa pesquisa manteve-me na escola por muitos anos, buscando os segredos, escavando pepitas de compreensão que poderiam me ajudar a salvar casamentos em crise.

Alguns dos meus colegas, bem pensantes, mais experientes e amadurecidos do que eu, sugeriam que minha peregrinação acadêmica poderia levar-me apenas às cisternas rotas. Eles afirmavam confidencialmente que a chave para fortalecer casamentos era a simples adoção dos sólidos princípios bíblicos, usualmente antitéticos para os temas da psicologia secular. Informavam-me de que a psicologia secular tinha pouco a oferecer àqueles que buscam construir casamentos sobre fundamentos firmes. Com semblantes austeros e entonações proféticas, eles me advertiam sobre os perigos da sedução psicológica.

Um desses amigos ofereceu-me, certa vez, um livro de Dave Hunt e T. A. McMahon, intitulado *The Seduction of Christianity* (A Sedução do Cristianismo). Desse livro, saltavam declarações que reforçavam as no-

ções propostas pelos meus amigos, a respeito dos perigos da psicologia. Uma delas dizia o seguinte: “Devemos aconselhar uns aos outros. Mas isso deve ser baseado na Bíblia e não sobre teorias psicológicas questionáveis. Infelizmente, na área da psicologia, temos adotado crenças e práticas sem nenhuma base bíblica ou científica.” Quase fui persuadido.

Os anos despendidos em estudos de psicologia, no entanto, têm me convencido de que algumas afirmações da psicologia secular refletem o brilho de princípios bíblicos. Por exemplo, uma teoria psicológica afirma que a raiz da psicopatologia é o pensamento ilógico. Portanto, casamentos em crise podem ser ajudados pela assistência prestada aos cônjuges no sentido de ensinar-lhes a substituir as pressuposições ilógicas por algo lógico. A noção de que o pensamento distorcido pode ser problemático é proveniente de afirmações bíblicas, tais como: “Porque como imagina em sua alma, assim ele é...” (Prov. 23:7), ou “... transformai-vos pela renovação da vossa mente...” (Rom. 12:2).

Possivelmente, tanto os teóricos seculares como os religiosos podem ajudar a melhorar nossas estratégias de aconselhamento matrimonial. Podemos utilizar os resultados de suas pesquisas empíricas para ajudar aos cônjuges na busca de respostas para suas dificuldades. Depois de tudo, se o trabalho dos teóricos seculares tem descoberto soluções farmacológicas para transtornos mentais, esquizofrenia, e outras doenças, eles também podem ter algo de valor para dizer a respeito do casamento. Por outro lado, desde que os teóricos religiosos têm contribuído para que as pessoas encontrem paz num mundo caótico, serenidade interior que o mundo não pode dar, também deveríamos aceitar a contribuição por eles oferecida.

Perto de completar 25 anos de prática em aconselhamento matrimonial, estou convencido de que uma mistura prudente de perspectivas religiosas e seculares pode

contribuir para tornar mais efetivo o aconselhamento de casais. Alguém poderia argumentar, dizendo que abordagens religiosas e seculares, nesse campo, podem construir uma falsa dicotomia. Mas devemos estar lembrados de que muitos dos chamados teóricos psicólogos são cristãos. Possivelmente, das pesquisas clínicas e espirituais podemos descobrir alguns mandamentos que podem melhorar a habilidade dos pastores, ao providenciarem uma intervenção substantiva numa vida conjugal dilacerada. Esses mandamentos têm sido de grande ajuda para mim, na luta para tornar-me um conselheiro pastoral mais efetivo para os casais.

Contextualização

Os conselheiros matrimoniais que desejam ser efetivos, deveriam conhecer o tempo e os fatores ambientais que afetam o casamento. Como os filhos de Issacar, aqueles que lutam para maximizar seu dom de conselheiro deveriam ser “conhecedores da época, para saberem o que Israel devia fazer” (I Crôn. 12:32).

De que maneira o conhecimento essencial dos tempos pode ajudar-nos a facilitar o progresso conjugal? Bem, nas últimas décadas, ocorreram significativas mudanças no estilo de vida das pessoas. Em muitas culturas através do mundo, alguns paradigmas relacionados com o casamento são considerados ultrapassados. O divórcio já não carrega um terrível estigma, e o modelo tradicional da família estável é apenas um dos muitos tipos aceitáveis de relacionamento. Algumas pessoas já discutem ostensivamente a viabilidade de casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Nosso tempo é caracterizado pela crescente mobilidade dos indivíduos, o que torna mais difícil a atitude de fincar raízes estáveis. As fontes de apoio às famílias são poucas, e os problemas econômicos são acrescentados às pressões direcionadas aos casais, desafiando a segurança emocional e a estabilidade material buscadas pelas pessoas. Valores e papéis são menos claramente definidos, acrescentando tensões aos relacionamentos. Em muitas culturas, hoje, marido e mulher trabalham fora de casa.

Todos esses fatores causam certo impacto ao casamento. Eles produzem estragos e

feridas que fazem algumas das soluções oferecidas no passado parecerem obsoletas e impróprias. Muitas pessoas às quais aconselhamos nos dias atuais, já viviam juntas antes de se casarem. Isso influencia a natureza do nosso aconselhamento, tanto durante o estado pré-marital, como durante os estágios do casamento. Ter sensibilidade para com a infinidade de influências que afetam o casamento contemporâneo contribuirá para que sejamos mais eficientes em nosso aconselhamento conjugal.

Valorização da fase pré-matrimonial

Sempre estamos ouvindo e dizendo que o mal deve ser cortado pela raiz, e isso é especialmente verdadeiro quando forem detectadas armadilhas potencialmente ameaçadoras para o casamento. E muitos desses perigos podem ser identificados durante a fase de aconselhamento pré-matrimonial. Frequentemente, o prelúdio de sérias dificuldades na criação de filhos, assuntos financeiros ou espirituais, problemas de comunicação e questões afins pode ser notado, ainda que em forma embrionária, durante os diálogos antes do casamento. Relacionamentos pré-conjugais que beiram o abusivo raramente têm chance de obter sucesso posterior, e o conselheiro deve ter coragem para confrontar o problema e falar a verdade em amor.

A abordagem feita durante o aconselhamento pré-matrimonial deveria ter pelo menos três objetivos. Primeiro, o pastor deveria fazer uma avaliação do preparo do casal para o matrimônio. Há testes e outras formas auxiliares que possibilitam o cumprimento desse objetivo. Outros aspectos do preparo dos nubentes virão à tona durante as sessões do próprio aconselhamento. Segundo, o conselheiro, na maioria dos casos, deveria usar esses encontros como uma oportunidade educacional, suprimindo com sabedoria as brechas e nutrindo com informações e capacitação os esposos em perspectiva. Por último, o pastor deveria discutir os detalhes processuais da festa de núpcias. Geralmente, isso é tudo o que o casal quer ouvir do conselheiro, mas eles devem receber todo o pacote.

Houve um ponto em meu ministério, quando aproximadamente 10% dos casais que assistiam aos seminários pré-matri-

moniais decidiam adiar a cerimônia ou suspendê-la definitivamente. A princípio, isso me deixava inquieto. Mas acabei me convencendo de que, talvez, os casais que optaram contra a realização imediata da cerimônia, prestaram a si mesmos um serviço de amor. É muito melhor admitir um engano, dar meia-volta, do que avançar de maneira forçada. Por sua vez, os pastores poderão evitar situações difíceis, para si mesmos no futuro, ao realizarem um criterioso trabalho de aconselhamento pré-conjugal.² Assegurar um positivo começo para o casamento pode ser uma das mais significativas contribuições que o pastor, conselheiro matrimonial, pode dar.

Ouvir os dois lados

Salomão afirma, em Provérbios 18:17, que “o que começa o pleito parece justo, até que vem o outro e o examina”. Quando o conselheiro provê orientação apenas para um dos cônjuges, é praticamente impossível obter uma intervenção de êxito. O casamento envolve satisfação de necessidades mútuas, tornando imperativo que o pastor ouça ambos os cônjuges.

Por experiência própria, sei que resulta mais ajudador o fato de começar e continuar o aconselhamento com o casal, mesmo que, eventualmente, haja necessidade de sessões realizadas em separado. Usualmente, é uma boa idéia permitir a alguém que parece relutante em aceitar o aconselhamento, ser o primeiro a falar. Se o conselheiro já tem falado com o outro cônjuge, pode ser uma grande ajuda manter o esposo que estava ausente informado sobre o que foi dito na entrevista preliminar.

Ao ouvir ambos os lados da história, o conselheiro deveria manter um espírito de ajudadora neutralidade. Conselheiros não são juízes. Eles devem dirigir a sessão de aconselhamento, apontando vez por outra o que parece ser consistente com a Palavra de Deus e o senso comum, mas não devem dominar a sessão com sua verbosidade. Sua principal função é ouvir, facilitar, explorar e capacitar. O êxito desse processo depende em grande medida de o pastor possuir uma objetividade santificada, que lhe possibilite uma visão completa do quadro, e de ouvir os dois lados da história, de tal modo que os cônjuges sintam que foram ouvidos e compreendidos.

Recusar o jogo da acusação

Encontros para aconselhamento matrimonial podem facilmente ser degenerados em frenéticas sessões de acusações mútuas entre os parceiros. Quando um casamento enfrenta problemas, tal procedimento é inevitável. Raramente, marido e mulher vêem seus conflitos a partir da perspectiva de que eles contribuíram individualmente para o surgimento das dificuldades. Interessante é notar que mesmo quando um cônjuge admite ter errado, não deixa de acusar o outro por algum comportamento destrutivo.

Mas os terapeutas pastorais sábios recusarão o jogo de acusações, porque ele dificulta o encontro de soluções para os problemas. Se o conselheiro permite que os cônjuges continuem acusando-se um ao outro, o resultado será uma interminável gangorra de ataques e contra-ataques. Usualmente, na época em que os casais procuram o conselheiro, eles já estão treinados nessa forma de combate. Pastores competentes não entram nesse jogo. Eles agem no sentido de interrompê-lo e redirecionar a interação, para que mudanças construtivas possam ocorrer. É muito melhor orientar o casal a não focalizar sobre quão mau o outro é, mas a discutir calmamente sobre qual atitude ou maneira de comportamento afetaram negativamente um e outro.

Existe uma diferença básica entre confrontação e ataque. A confrontação identifica o comportamento e seus efeitos. O ataque julga ou avalia o comportamento, em detrimento e diminuição da outra pessoa.

Compreender o processo

Charles Stewart, em seu livro *The Minister as Marriage Counselor* (O Ministro como Conselheiro Matrimonial), define o aconselhamento de casais da seguinte maneira: “é um processo no qual um conselheiro ajuda pessoas, casais ou famílias a fazerem planos e resolverem problemas na área do namoro, noivado, casamento e relações familiares. É uma fase da esfera geral de aconselhamento; entretanto, trata de assuntos específicos das referidas áreas.”³ O conselheiro não resolve os problemas, mas atua como um orientador.

No mesmo livro, Stewart relaciona cinco objetivos do aconselhamento matrimonial: 1) limitar-se aos problemas existentes no

relacionamento entre os cônjuges; 2) ajudar o casal a comunicar novamente seus sentimentos mútuos; 3) auxiliar o ajuste do casal a certas situações no casamento, que não podem ser mudadas, incluindo os traços pessoais de caráter; 4) ajudar o casal no sentido de minimizar seus alvos pessoais em favor do bem-estar e felicidade de ambos; 5) levar cada cônjuge a compreender o outro e seu papel no casamento, dando oportunidade de ajustar-se àquilo que tanto o casamento como o companheiro requerem. Segundo Stewart, “este é o ponto principal do aconselhamento: a compreensão de papéis e relacionamento mútuos”.

O casamento, portanto, envolve uma focalização sobre desafios correntes, realce à comunicação e habilidade na solução de conflitos, facilitação de um espírito cooperativo, e melhor compreensão dos papéis conjugais. Uma compreensão desse processo é algo crítico para aqueles que buscam capacitar outros a melhorar seu casamento.

Conhecer a disciplina

A tarefa de aconselhamento tem-se desenvolvido como uma disciplina multifacetada, e os conselheiros matrimoniais conscienciosos procurarão manter-se informados das nuances desse campo. Numerosos estudos de psicologia existentes hoje sobre o casamento e área familiar são um grande auxílio para a atualização dos pastores, na realização de seu trabalho.

Pesquisas têm mostrado que tanto insinuações verbais como as não-verbais dos conselheiros, podem facilitar o processo terapêutico, realçando a experiência de aconselhamento. Entre essas insinuações, enumeramos as seguintes: Sentar ereto, de frente para o consulente; assumir uma postura franca, com pernas e braços descurzados; inclinar-se para frente; estabelecer contato visual; refletir os sentimentos ouvidos do consulente.

O conselheiro serve como um púlpito, providenciando um ambiente de aconselhamento desprovido de qualquer julgamento, no qual as opções podem ser exploradas com sensibilidade e objetividade espirituais.

Estabelecer alvos

Muitos estudos têm mostrado a importância do estabelecimento de alvos no processo de aconselhamento. Grande par-

te desse processo deveria envolver o exame da direção que o casamento deveria tomar e como encontrar o rumo certo. Michele Davis escreve: “Nós cremos que as pessoas conhecem melhor a si mesmas, e que são os verdadeiros experts sobre o que necessitam mudar, não o terapeuta. Assim, quando a terapia começa, os clientes estão perguntando: ‘O que você gostaria de mudar?’ e isso é o ponto inicial do processo. Se casais se queixam de estarem lutando sobre como o tempo é gasto, as soluções para essa queixa serão procuradas. Nenhum problema subjacente é assumido, nenhum significado complicado é atribuído à queixa. O objetivo, como definido pelo cliente, é o objetivo da terapia.”¹⁴

Trabalhar com objetivos também serve para impedir que os diálogos do aconselhamento degenerem para o jogo de acusação; acentua o positivo, “vence o mal com o bem” (Rom. 12:21).

Ensinar convivência

Com certa freqüência, o conselheiro matrimonial deve educar as pessoas sobre como aceitar as coisas que elas não podem mudar e como conviver com um cônjuge que não quer mudar. Isso, algumas vezes, inclui o ensino às pessoas sobre o que não fazer e o que fazer. Aprender a convivência pode significar o desenvolvimento de expectativas mais realísticas. Algumas pessoas esperam muito do casamento; querem que o parceiro mude, enquanto elas permanecem as mesmas. Isso freqüentemente é mais um assunto de “exercer controle” do que uma genuína necessidade.

Não raro, um casamento caracterizado por diferenças pode ser ajudado pela melhora de comunicação. Michele Davis tanto recomenda o ensino da aceitação e convivência, como da busca de melhores canais de comunicação. Às vezes a comunicação é interrompida porque ambas as partes tentam falar ao mesmo tempo, e nenhuma se dispõe a ouvir. Isso pode ser resolvido por alguns caminhos simples: 1) Fazer um acordo ou sorteio para decidir quem fala primeiro. 2) O vencedor terá dez minutos para falar sem interrupção. 3) Em seguida, o outro cônjuge também falará por dez minutos. 4) Seguem-se dez minutos de silêncio antes de uma outra rodada de conversa, nos moldes anteriores.

Essa tática simples, entre outras semelhantes, pode ser usada por pastores e conselheiros enquanto trabalham para restaurar casamentos.

O aprendizado da convivência e aceitação requer o ensino no sentido de que as pessoas apreciem suas diferenças. Desde que não sejam imorais ou desprovidas de éticas, as diferenças devem ser respeitadas. Quando uma pessoa aprecia as diferenças de seu cônjuge, há uma verdadeira afirmação para o ser amado.

Construir uma comunidade saudável

O conselheiro matrimonial tem a obrigação de ser preventivo. Parte disso envolve o trabalho em prol da criação de uma comunidade saudável e de apoio, para bem alimentar os relacionamentos. Isso pode significar um ministério substantivo direcionado a indivíduos, orientando-os e preparando-os para fazer escolhas de qualidade, em relação aos projetos de casamento. Além disso, o pastor conselheiro também é responsável pela promoção de cursos de treinamento para enriquecimento matrimonial, com o objetivo de melhorar ainda mais os relacionamentos que são estáveis.

Nessa tarefa, ele necessitará da ajuda de leigos treinados em aconselhamento, para que o trabalho tenha um alcance maior. Esses líderes voluntários podem assumir a condução de vários seminários. Não devemos esperar que irrompa a tempestade para, só então, reagir. Devemos preparar-nos e a outras pessoas, no sentido de enfrentarmos juntos os desafios da construção de uma comunidade saudável.

Fortalecer a família

Uma das tarefas do pastor, conselheiro matrimonial, é também fortalecer as famílias. Muitos problemas conjugais são exacerbados pelas famílias e derivados da paternidade. E o mesmo conselheiro que prepara as pessoas em cursos pré-conjugais deve estar interessado no bem-estar da família. Deveria, portanto, assiduamente buscar melhorar e fortalecer as famílias, estreitando os laços entre pais e filhos.

Algumas pessoas pensam que crianças podem ajudar a fortalecer o casamento, mas frequentemente esse não é o caso. Elas podem até somar maiores tensões a uma rela-

ção já abalada. Muitos casais que esperavam ter o casamento fortalecido pela chegada de filhos, descobriram que esse "fardo de alegria", somente torna um pouco mais pesada a carga.

Em seus esforços para fortalecer os pais, na condução de sua carga, o conselheiro pode oferecer-lhes treinamento no qual aprendam a desenvolver habilidades da paternidade cristã. Os pais devem ser desafiados a dar o exemplo, pois as crianças aprendem sobre as reais prioridades da vida, muito mais por nossas ações do que por nossas palavras.

Encorajar os pais no sentido de a tornar relevante a Palavra de Deus para seus filhos, é outra responsabilidade do conselheiro. Pais e filhos devem ler a Bíblia juntos. "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te." (Deut. 6:4 a 7).

Assim, acredito pessoalmente que esses dez mandamentos podem contribuir para uma abordagem mais efetiva em nosso trabalho de aconselhamento matrimonial. Devemos conhecer o tempo em que vivemos, bem como maximizar as oportunidades do aconselhamento pré-matrimonial. Lembremo-nos de ouvir sempre os dois lados, ao mesmo tempo em que recusamos entrar no jogo de acusações. Continuemos a progredir na profunda compreensão do processo de aconselhamento, tornando-nos estudantes vitalícios da disciplina. Mantenhamos o aconselhamento focalizado em alvos e objetivos, enquanto ajudamos as pessoas a aceitarem as coisas que não podem ser modificadas. Empenhemo-nos em construir uma comunidade saudável que inclua famílias fortes. Tal como acontece com o Decálogo, o cumprimento desses mandamentos é o amor.

Referências

1. Dave Hunt e T. A. McMahon, *The Seduction of Christianity*, págs. 187 e 188.
2. Mary Bartusis, *Off to a Good Start*, Donald Fine, Nova Iorque; 1991.
3. Charles Stewart, *The Minister as Marriage Counselor*, pág. 21.
4. Michele Weiner-Davis, *Divorce Busting*, págs. 87 e 88.

Um homossexual na congregação

KATE MCLAUGHLIN

Pseudônimo

Há sete anos, deparamo-nos com a realidade de ser nosso filho mais jovem um homossexual. Naquela época, nossa ignorância e preconceito bateram de frente com nosso amor por ele. Mas, hoje, estou particularmente feliz em dizer que o amor venceu. Desde então, temos adquirido um grande aprendizado no trato com a homossexualidade. Também chegamos a compreender a situação de muitas pessoas cujas vidas são devastadas por esse sofrimento. E ao mesmo tempo em que nos tornamos mais hábeis e abertos para tratar com a homossexualidade do nosso filho, e especialmente desde que escrevi um livro sobre nossa experiência familiar, *My Song, Beloved Stranger* (Meu Filho, Estranho Querido), tem sido surpreendente descobrir que quase todas as pessoas com as quais falo sobre o assunto, tem um amigo ou parente homossexual.

E meu filho? O que aconteceu com ele? Durante sua infância, ele sempre foi sensível às coisas espirituais. Entregou seu coração a Cristo quando tinha nove anos, sendo batizado um ano mais tarde. Seu ideal era tornar-se um professor missionário. Falou-nos que ao longo da infância e por toda a adolescência, orou a Deus, pedindo-Lhe que o transformasse. Sentindo que nenhuma mudança acontecia, simplesmente voltou as costas para Deus perto do fim de seus anos colegiais. Encontrou um outro garoto que também era gay e por muito tempo viveram juntos. Embora duvidasse da existência de Deus, a essa altura, ele gostava de música e, assim como seu amigo, cantava no coral de uma igreja na comunidade. Passados poucos anos, retornou a Deus, decidido a viver sozinho, assumindo um estilo de vida celibatário, reintegrando-se à igreja na qual tinha sido cantor.

Durante tudo isso, a despeito de nosso desapontamento e angústia, continuamos mantendo um relacionamento amoroso e ín-

timo com nosso filho, reconhecendo que Deus continua nos amando, mesmo quando cometemos enganos. Vemos sua volta a Deus, embora não tenha se filiado à mesma congregação onde assistimos, e sua decisão de viver o celibato como uma resposta às orações. Além disso, temos testemunhado uma tão vibrante e prazerosa mudança em sua vida, diante da qual não podemos duvidar da direção divina.

O papel do pastor

Num mundo manchado pelo pecado, onde brotam tantas anormalidades, a Igreja não pode se dar ao luxo de fazer de conta que não está vendo nada. Terá mesmo de encarar e tratar, às vezes, situações indigestas mas que estão afetando e fazendo sofrer os seus filhos. Muitas pessoas estão se debatendo, talvez secretamente, com o problema da homossexualidade. E seria o caso de perguntarmos: "O que espera, ou necessita receber, um homossexual de um pastor?"

Enumeramos, a seguir, algumas idéias que acreditamos ser úteis:

Compreensão. Possivelmente muitas pessoas na igreja, incluindo pastores, ainda vêem a homossexualidade como nós a víamos antes do processo de aprendizado com nosso filho; ou seja, simplesmente como uma escolha pessoal em protesto contra alguma coisa, como por exemplo, os antigos valores morais e sociais. E há mesmo pessoas extremamente pervertidas, de mentalidade puramente hedonista, que agem dessa forma. Mas é também verdade que alguns indivíduos não escolhem conscientosamente esse caminho. Nesses casos, a única escolha que existe é entre seguir ou não o estilo de vida homossexual.

Quando compreendemos isso, começamos também a entender algumas das dificuldades enfrentadas pelo homossexual, espe-

cialmente aqueles que foram criados em um lar religioso. Condicionados pelas atitudes da sociedade e da Igreja, em relação a eles, reconhecendo a pavorosa situação em que estão envolvidos, aprendem bem cedo a negar uma parte da própria personalidade e a usar uma máscara de proteção diante dos outros. Desenvolve-se então uma crise de fé, quando vêm sem respostas as orações que fazem pedindo libertação. E quando, finalmente, já não podem mais ocultar sua natureza homossexual, eles freqüentemente querem abrir-se com alguém, mas são impedidos de fazê-lo por seus próprios temores de rejeição.

Educação. Tanto nos círculos religiosos como nos científicos, ainda se debate sobre as causas da homossexualidade. Minha conclusão pessoal, baseada em extensas leituras e conversas com um sem número de homossexuais e seus familiares, é que provavelmente muitos nascem com alguma disfunção sexual. E a menos que aconteça um milagre, não pode ser mudada.

Outros, imagino eu, possuem uma identidade sexual confusa em virtude de terem sofrido abuso sexual na infância, e esses possivelmente poderiam ser ajudados por algum tipo de terapia. Então existem aqueles que, no meio do espectro entre homossexualidade e heterossexualidade, chamados bissexuais, são atraídos por ambos os sexos. Caso sejam fortemente motivados pelo desejo de obedecer a Deus, esses podem escolher limitar suas fixações românticas ao sexo oposto. Acredito que os componentes desse grupo podem ser ajudados por algum ministério específico, desenvolvido por qualquer denominação.

Uma concepção errônea, alimentada por muitas pessoas, diz respeito a uma possível prática comum entre os homossexuais, no sentido de induzir menores à homossexualidade. Essa idéia surge por confundirem homossexualidade com pedofilia, que é a prática de sexo com crianças.

Na realidade, eu não pretendo apresentar-me como expert no assunto. Há muitas diferentes opiniões, e penso que ninguém compreende plenamente um problema tão complexo. Mas se realmente queremos prestar ajuda aos homossexuais e seus familiares, devemos nos tornar mais conhecedores das complexidades envolvidas na questão.

Abertura. O estigma que envolve a natureza homossexual produz marginalização e ignomínia. A Igreja deveria providenciar um lugar seguro onde aqueles que lutam com tal

situação possam abrir-se honestamente a respeito dos seus problemas. Eles necessitam de um lugar no qual possam falar a respeito de suas confusas emoções e seus resultantes problemas espirituais; um lugar onde outros, engajados na batalha contra o pecado, possam orar com eles e por eles.

Como um pastor, uma vez que tenha colocado de lado sua própria ignorância e seus preconceitos, você muito poderá ajudar e educar sua igreja, encorajando-a a enfrentar a realidade de que talvez uma significativa minoria dos membros luta com a homossexualidade.

Apoio. Creio que a Igreja necessita urgentemente providenciar um grupo de apoio, publicamente reconhecido, para aqueles homossexuais que desejam assumir um estilo de vida celibatário. Eles necessitam de apoio e aceitação por parte de outros membros da igreja. Pessoas que compreendam que, como qualquer pessoa que lute seriamente contra um pecado, eles correm o risco de perder uma batalha aqui e ali. Necessitamos mostrar-lhes o mesmo sentimento paciente e perdoador que mostramos a alguém que ocasionalmente cai na tentação do orgulho, da inveja, do roubo, do assassinato e da impureza heterossexual.

Amor. A necessidade mais profunda e básica do ser humano é de amor e companheirismo. Indivíduos heterossexuais podem preencher essa necessidade, em alguma medida, ao partilharem sua vida e seus sentimentos com uma pessoa do mesmo sexo, no caso dos amigos, ou com uma pessoa do sexo oposto, se foram namorados, noivos ou casados. Mas isso é algo problemático e, certamente, impossível para os homossexuais. Assim, eles são os solitários da vida.

Reconhecendo esse fato, a igreja poderia alcançá-los com amor, incluindo-os como membros da família eclesiástica em compensação para os desejos de lar e família aos quais eles têm de renunciar.

A própria igreja seria bem recompensada por seus esforços no sentido de encorajar e conservar seus homossexuais celibatários como membros. Como um grupo, eles são geralmente reconhecidos como altamente abençoados com dons de natureza artística, através dos quais podem oferecer um serviço a Deus.

A expectativa da família

Compreensão. Como pastor, você necessita compreender que quando os pais tomam conhecimento de que um filho,

ou uma filha, é homossexual, eles usualmente entram em estado de choque. Ainda que, durante algum tempo, tenham percebido alguma coisa errada acontecendo, seguramente, jamais admitiram a si mesmos a possibilidade impensável de que essa anormalidade tinha a ver com homossexualidade.

Nessa ocasião, experimentam um emaranhado de emoções: ira, negação, desgosto, culpa, temor ou vergonha. Os sonhos do futuro do filho caem despedaçados sobre eles. Se, como acontece não muito raro, o conhecimento da homossexualidade vem acompanhado do diagnóstico de Aids, o estado de choque e o desgosto são profundamente intensificados. Pais e mães reagem de modos marcadamente diferentes, e isso significa, provavelmente, adicionar muita tensão no casamento.

Sensibilidade. Quando os filhos abrem sua intimidade, os pais literalmente tomam o seu lugar no problema. Imaginando ter alguma responsabilidade na questão, tendem a tomar sobre si o estigma com que a Igreja e a sociedade enfrentam a homossexualidade. Poucos pais se sentem em condições para falar com alguém a respeito disso. Todavia, conversar é o que eles mais necessitam fazer.

Um pastor necessita ser sensível à menor indicação que os pais possam transmitir, no sentido de estarem passando por alguma turbulência emocional. Isso pode ser observado através de referências veladas à homossexualidade, alguma depressão inexplicável, ou qualquer outra indicação sutil de mudança de humor.

É necessário usar o máximo tato na abordagem a esses pais. Geralmente eles se distanciam, para alguém notar seu sofrimento e então perguntar-lhes o que está se passando. Seu coração está explodindo com questões e emoções que eles necessitam expressar, mas não são capazes de levantar o assunto por si mesmos. O pastor deve ser hábil para criar um ambiente de abertura, simplesmente perguntando: "Como vão as coisas ultimamente?" ou "noto que alguma coisa parece estar lhe preocupando; posso fazer algo para ajudar?" É importante continuar criando oportunidades para que eles falem, embora talvez tome algum tempo até que se sintam bastante seguros para discutir o que realmente vai no coração.

Segurança. Provavelmente, uma das primeiras questões que ocorrem a pais cristãos, quando descobrem que o filho é um homossexual, é: "Será que ele vai se

perder?" Talvez isso aconteça em virtude da falta de compreensão da diferença entre uma disfunção sexual e um comportamento homossexual.

O pastor pode dar a segurança de que Deus ama e quer salvar todas as pessoas. Ele não fará uma pessoa responsável por uma coisa pela qual ela não tem escolha. Qualquer pessoa pode contar com a preciosa ajuda da graça divina para vencer todos os seus defeitos, subjugar seus instintos e suas propensões. E, se fizer escolhas erradas, ainda pode ser enviada pelo Espírito Santo ao arrependimento. Assim, sempre há esperança em Deus.

Educação. É responsabilidade do pastor ajudar os pais a compreenderem que as duas coisas mais importantes que eles podem fazer pelos filhos, são mostrar o amor incondicional de Deus por nós, mesmo quando éramos pecadores, e orar a fim de que o Espírito Santo trabalhe na vida deles. O amor, a compreensão, o apoio e a aceitação por parte dos pais podem conduzi-los à reconciliação com Deus. Muitos pais imaginam que se eles não estiverem continuamente insistindo com os filhos em que o que estão fazendo é errado, serão vistos como coniventes com o comportamento pecaminoso. Mas isso servirá apenas para distanciá-los ainda mais, de seus familiares e de Deus. O Espírito Santo pode fazer aquilo que não podemos fazer.

Minha oração

Acredito firmemente que, como Igreja, estaremos demonstrando um sinal de maturidade espiritual, quando reconhecermos que esse complexo problema afeta a comunidade; quando estivermos dispostos a discutir a questão aberta e francamente; e quando oferecermos compreensivo apoio a todos aqueles que lutam com uma dos mais confusos e angustiosos males da raça humana.

Quão maravilhoso seria se nossa Igreja pudesse encontrar um caminho de mostrar cuidadosa compaixão cristã aos homossexuais, não lhes condenando por uma possível disfunção sobre a qual não têm controle último, nem lhes encorajando a aceitar menos que o melhor que Deus planejou para a vida humana; mas apoiando com amor e compreensão, enquanto buscam seguir a vontade de Deus. Minha oração é que você, pastor, ajude isso acontecer.

Abatido pelo estresse

JACK LANGE

Pastor em New South Wales, Austrália

Eu tinha apenas 24 anos, era um recém-converso e estava cheio de fé. Um dia, encontrei-me com Ricardo, um piedoso crente de meia-idade. Quando ele me falou que estava se recuperando de um colapso nervoso, eu não pude acreditar. E retruquei: "Ora, Ricardo, um cristão não pode ter um colapso nervoso." Revelando mágoa e indignação em seu olhar, ele rapidamente perguntou: "Por que não?" Mantendo a boa vontade de ajudá-lo, ainda insisti: "Nossa fé em Deus coloca-nos acima do estresse." Ricardo cortou a conversa.

Naquele tempo, eu não compreendia bem certas coisas, e ele deve ter ficado ressentido com minha ingênua ignorância. Mal poderia eu imaginar que, anos mais tarde, já como um pastor experiente, eu viria sofrer um violento estresse.

Poucos anos depois daquele encontro com meu amigo Ricardo, um presidente de Campo dirigiu-se à classe seminarista da qual eu fazia parte, dizendo que o que esperava de nós era "trabalho duro, muito duro, até à conclusão da obra". Como um jovem ministro, acabei seguindo à risca essa observação ao ponto de sentir culpa, caso tivesse que ficar em casa, em virtude de algum compromisso cancelado por motivos alheios à minha vontade.

Primeiros sintomas

Na esmagadora maioria das vezes, o ministério causou-me muita alegria. Meu treinamento teológico, entretanto, não me deu o preparo suficiente para enfrentar o desgosto causado pela artilharia e os mísseis que alguns dos santos, às vezes, desferiram contra mim. Enquanto trabalhei em igrejas pequenas, encontrei dificuldade para administrar conflitos e acabei exaurido

emocionalmente. Na metade dos meus 40 anos comecei a sentir-me estranhamente cansado. Em vez de "acabar a obra" a obra estava acabando comigo! Achava difícil relaxar. Não sentia prazer na hora das refeições, não podia apreciar a beleza de uma flor, nem as cores de uma borboleta. O barulho dos meus filhos brincando alegremente feria meus nervos. Minha mente estava bloqueada com os problemas da igreja. Eu não estava feliz com meu ministério. Apesar de planejar o futuro, havia ocasiões em que eu nem me lembrava qual a próxima coisa a ser feita. Algumas vezes me sentia indignado com tudo aquilo, e dizia para mim mesmo: "Será que esses irmãos não poderiam me deixar em paz?"

Uma mudança começou a ter lugar em mim, tão suavemente que quase foi difícil percebê-la. Eu não compreendia que estava experimentando os primeiros sintomas de uma depressão nervosa. Pensei em ir a um médico mas desisti, na esperança de que o próximo período de férias pudesse recarregar minha bateria. Nada. Continuei com altos e baixos, mas os baixos gradualmente mergulhavam um pouco mais fundo. Às vezes, certas características de depressão se manifestavam em mim, temporariamente. Embora eu imaginasse que poderia estar sofrendo de estresse, não compreendia aonde a seriedade dessa condição poderia chegar.

Com a doença em estágio avançado, o sofrimento físico sempre leva alguém à ação. Mas, no caso de exaustão emocional e psicológica, os sintomas de advertência são muito sutis e difíceis de serem detectados.¹

Recentemente, tive a oportunidade de falar a um grupo de pessoas que estavam se recuperando de depressão. Embora muitas dentre elas pudessem reconhecer os sintomas de ad-

vertência, agora, não foram capazes de detectá-los na ocasião em que eles ocorreram. Pessoalmente, eu estava percebendo os indicadores de maneira muito vaga, e foi necessária uma crise para que eu fosse despertado. Mas era tarde demais para prevenir um deslize em direção a um severo colapso. Essa é a razão pela qual é importante que o clérigo seja capaz de identificar os primeiros sintomas.

É desnecessário dizer, quando alguém experimenta sintomas indicadores de depressão, não é prudente aceitar novos compromissos com adição de responsabilidades; todavia, foi exatamente isso que eu fiz. Foi uma decisão insensata, e isso produziu uma onda extra que afundou meu navio.

A crise

Certa noite, aproximadamente dois anos atrás, eu fiz uma longa visita a um casal que estava enveredando pelos caminhos do fanatismo legalista. Depois dessa emocionalmente desgastante visita, tomei o carro e dirigi-me para a zona rural, onde daria um estudo bíblico. A certa altura, dirigindo a 90

quilômetros por hora, perdi o controle do veículo, pisei tarde no freio, e o carro caiu numa ribanceira, rolando cerca de 150 metros. Ficou muito danificado, mas eu não tive ferimentos sérios. Assombrado, orei ali mesmo: "Muito obrigado, Senhor, por me haver protegido. Eu nem vi o canteiro; acho que deve haver alguma coisa errada comigo." No estado avançado da crise, foi necessário um acidente para me convencer completamente de que eu estava doente. Desde então, minha saúde deteriorou-se rapidamente. O diagnóstico acusou estresse, ligado à depressão e colapso nervoso. Para minha surpresa, os exames de sangue revelaram a presença de um vírus causador de fadiga crônica.²

Os médicos informaram que o estresse prolongado afetou meu sistema imunológico, o que facilitou a ação do tal vírus, reduzindo assim minha capacidade para controlar o estresse.

Depressão psicológica

Qualquer pessoa com depressão psicológica e emocional experimentará



sofrimento mais intenso do que o causado por algum problema físico. Quando o mal é apenas de ordem física, seu portador ainda pode pensar corretamente e até lutar com o sofrimento. No entanto, quando a mente sofre algum abalo estrutural, o resultado é devastador. Sem qualquer exagero, minha luta era tão intensa como o trauma de alguém que imagina ter um pesadelo e descobre em seguida que a situação é real. O sono inquieto foi invadido por sentimentos de pânico, elevação de adrenalina, espasmos e temores. Pude então compreender porque muitos suicidas são motivados, não só por alguma nova tragédia, isoladamente, mas por um desesperado desejo de escapar aos torturosos sintomas de depressão clínica.³

Eu não tive outra opção, senão aceitar o conselho médico no sentido de tomar uma prolongada licença para tratamento. Passados dois anos, ainda não me sinto bem

o suficiente para lutar com as demandas emocionais do ministério. Assim como leva tempo para que o estresse acumulado cause o colapso, também a melhora é demorada. Não foi fácil ter minha vida arrumada novamente, mesmo sentindo que o Senhor tem abençoado cada novo passo da minha caminhada. Para alguém que foi um ministro ativo, é muito difícil ter de fazer outra coisa, pois meu coração ainda está no ministério. Esse tipo de frustração é inevitável em um pastor profundamente depressivo, e causa muito sofrimento emocional.

A família também sofre, porque agora tem de viver com uma pessoa doente cujas reservas emocionais esgotadas não podem arcar com as demandas do crescimento dos filhos, especialmente adolescentes. A fadiga crônica, que é um clássico sintoma de depressão, somente pode ser compreendida apropriadamente, se for experimentada antes. Muitos motoristas sabem que isso é como alguém sentir-se tão cansado, enquanto dirige o veículo, que aparentemente fica difícil fazer uma parada diante da percepção de algum perigo. Mas quando alguém experimenta essa fadiga mental, por volta das dez horas da manhã, apesar de ter tido uma boa noite de sono, então conhece a frustração de tal experiência.⁵

O estado de depressão é mais comum entre pastores do que muitos imaginam.

O estado de depressão é mais comum entre pastores do que muitos imaginam. Segundo o Dr. Fran Singer, “estima-se que um entre vinte homens e uma entre dez mulheres se tornarão clinicamente depressivos em algum tempo de sua vida”.⁶ E os cristãos não estão isentos disso. Ocorre que, por temerem algum embaraço, eles tentam esconder seu problema. Admitir a depressão parece ser uma confissão de falta de fé, especialmente num ambiente que mede a fé pela alegria emocional experimentada.

Uma pessoa clinicamente depressiva não é alguém que simplesmente está passando por uma experiência muito triste.

“Sentimentos de tristeza, frustração e infelicidade são reações naturais aos problemas reais da vida, uma perda sofrida ... um conflito qualquer. Os psi-

quiатras se referem a tais reações como ‘ajustamento da desordem’. Se os sintomas forem clareando gradualmente, enquanto o problema vai atenuando, você tem exatamente um ajustamento da desordem. Do contrário, deve estar sofrendo depressão clínica.”⁷

Foi somente depois dessa experiência que eu pude apreciar mais plenamente o que o salmista estava pensando quando descreveu sua própria inquietação: “Compadece-Te de mim, Senhor, porque me sinto atribulado; de tristeza os meus olhos se consomem, e a minha alma e o meu corpo. Gasta-se a minha vida na tristeza, e os meus anos em gemidos; debilita-se a minha força, por causa da minha iniquidade, e os meus ossos se consomem.” (Sal. 31:9 e 10).

Mesmo a mente forte de Davi foi debilitada por severa depressão, que durou anos. Evidentemente, expressivos líderes espirituais não estão isentos dessa experiência. Todavia, é significativo que o salmista mescla expressões de sofrimento com expressões de grande fé: “Quanto a mim, confio em Ti, Senhor ... Nas Tuas mãos estão os meus dias.” (Vs. 14 e 15). Aparentemente, o sofrimento de Davi foi causado, não por qualquer perda de fé,

mas pela prolongada situação de conflito na qual se encontrava.

Assim, usualmente não é apropriado aconselhar cristãos depressivos simplesmente dizendo-lhes que “é preciso ter mais fé”, ou “leve seus temores aos pés da cruz”. Pode ser que eles já estejam sendo intimamente atormentados com a idéia de que sua condição é resultado de falta de fé, quando na realidade deve ter alguma base médica. É melhor assegurar-lhes, com simpatia e amor, que Deus está com eles e que o sofrimento passará.

Sugestões práticas

Embara não esteja dentro das minhas habilidades dar prescrições médicas, mencionarei brevemente alguns itens práticos que têm representado significativa ajuda para mim.

No início da minha enfermidade, o Senhor colocou-me em contato com um livro maravilhosamente confortador, *Self-Help for Your Nerves*⁸ (Auto-ajuda para Seus Nervos). Através de sua leitura, compreendi que os traumáticos sintomas que eu estava experimentando eram desagradáveis, mas não deixariam prejuízos duradouros. Também entendi que não deveria ficar indevidamente assustado com as reações orgânicas involuntárias, provenientes do colapso depressivo, e que elas também passam e diminuem com o tempo.

Além desse livro, beneficiaram-me ainda os exercícios físicos aliados a uma dieta simples, sem produtos refinados e sobremesas ricas. O médico prescreveu-me um remédio antidepressivo, que também me ajudou bastante. Não era uma droga pesada, evidentemente, mas serviu para levantar o nível dos neurotransmissores no cérebro.

Passé algum tempo num balneário térmico, para acalmar meus nervos. Os *hobbies* criam o prazer terapêutico necessário, sem estresse, e distraem a mente das preocupações mórbidas. Depois do que experimentei, gostaria que a igreja tivesse alguns conselheiros treinados disponíveis, que pudessem visitar regularmente pastores incapacitados.

Medidas preventivas

Se você suspeita que talvez seja portador de qualquer sinal de depressão, procure um médico que compreenda a natureza com-

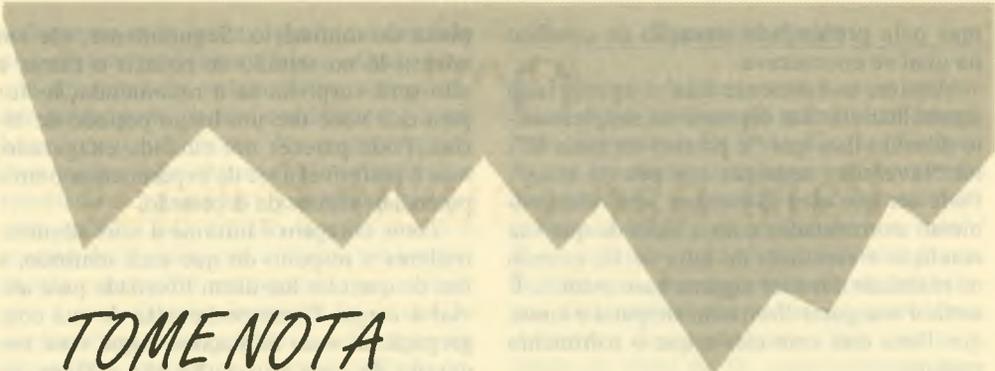
plexa do ministério. Seguramente, ele vai adverti-lo no sentido de reduzir o ritmo, e não será surpresa se a recomendação for para que você tire um longo período de férias. Pode parecer um cuidado exagerado, mas é preferível a ter de experimentar outros potenciais efeitos da depressão.

Tome coragem e informe a seus administradores a respeito do que está sentindo, a fim de que eles lhe dêem liberdade para aliviar a carga. Torne conhecidas de sua congregação as suas limitações, e que você necessita de uma pausa. Se não o fizer, os membros continuarão a encher suas mãos com trabalho. Alguns pastores tentam dar a impressão de que são invulneráveis, mas os membros da igreja respeitam os ministros que não escondem sua humanidade.

Aprenda a dizer “não” com mais frequência. Não fique triste se, ocasionalmente, ofender algum bem-intencionado irmão, que pensa que você deve estar sempre acima das suas expectativas. Nenhum pastor pode estar inteiramente livre de alguma crítica. Mesmo um ministro saudável, algumas vezes, deve adotar uma semana de cinco dias como medida de sobrevivência. Todos nós variamos enormemente em nossa capacidade operacional. “Cada indivíduo deve encontrar seu nível de tolerância de estresse. Porque ficando abaixo dele, se sentirá abatido e frustrado. Ficando acima, sofrerá exaustão.”⁹

Referências:

1. M. W. P. Carney, “The Diagnosis of Depressive Symptoms and the Prediction of ECT Response”, *British Journal of Psychiatry* 3, 1965, págs. 659 a 674.
2. A. S. David, “Postviral Fatigue Syndrome: Time for a New Approach”, *British Medical Journal* 296, 1988, págs. 696 a 699.
3. Ian Hickie, “The Psychiatric Status of Patients With the Chronic Fatigue Syndrome”, *British Journal of Psychiatry* 28, 1990, pág. 536.
4. P. O Behan, “The Postviral Fatigue Syndrome – Analysis of the Findings in 50 Cases”, *Journal of Infection* 10, 1985, págs. 211 a 222.
5. William Vayda, *Chronic Fatigue: The Silent Epidemic*, Sydney, Austrália, 1991, pág. 174.
6. Fran Singer, “Let’s Talk”, *New Idea*, 05/09/92, pág. 86.
7. *Diagnosis and Statistical Manual of Mental Disorders*, Washington, D.C., American Psychiatric Association, 1987.
8. Claire Weeks, *Self-Help for Your Nerves*, Sydney, Austrália, 1989, pág. 28.
9. Philip Elmer-Dewitt, “Depression: The Growing Role of Drug Therapies”, *Time*, 06/07/92, pág. 58.
10. William Vayda, *Op. Cit.*, pág. 51.



TOME NOTA

SERÃO REALIZADOS QUATRO GRANDES CONCÍLIOS MINISTERIAIS EM 1997!

CONFIRA A NOVA DATA E O LOCAL ONDE SUA UNIÃO ESTARÁ PARTICIPANDO:

- 01 a 05 de julho** – Iaene – Uniões Norte e Nordeste
- 08 a 12 de julho** – IAE-Ct – Uniões Central, Este e Sul
- 15 a 19 de julho** – Puigari – Uniões Austral e Chilena
- 22 a 26 de julho** – ÑAÑA – Uniões Peruana e Boliviana, Missões Equatorianas do Norte e do Sul

**PARTICIPAÇÃO DOS LÍDERES DA ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL
DA ASSOCIAÇÃO GERAL E DA DIVISÃO SUL-AMERICANA**

Para não causar feridas

SHARON CRESS

Coordenadora mundial da Área Feminina da Associação Ministerial

O enorme e espinhoso cacto dominava o centro do caminho de acesso à nossa garagem. Azaléias e outros florescentes arbustos menores também partilhavam o espaço, mas o cacto chamava a atenção. Vizinhos reuniam-se em torno dele para admirá-lo. Transeuntes não se contentavam e voltavam para dar uma segunda olhada. Visitantes admiravam seu tamanho e simetria. Minhas irmãs e eu igualmente o admirávamos. Longos e feroces espinhos parecendo agulhas o cobriam; e, entre esses, cresciam milhares de outros em menor tamanho. Todos eles ameaçadores.

Esse maravilhoso cacto, juntamente com dezenas de violetas africanas decorando a janela de nossa cozinha, era um testemunho do amor que minha mãe possuía pelas plantas. Então, aconteceu. Um dia, quando recebemos a visita de uma prima, estávamos envolvidas numa louca brincadeira de corrida bem perto do cacto – mais perto do que deveríamos estar. Foi então que minha irmã Eulita perdeu o equilíbrio e caiu justamente em cima dele.

O sofrimento

Seus gritos de dor chamaram a atenção da minha mãe, que veio em disparada ver o que estava acontecendo. Um braço e um joelho de Eulita estavam completamente cobertos por dezenas daquelas agulhas maiores. Uma infinidade de espinhos menores espalhavam-se por todo o corpo. Deixando o restante do grupo do lado de fora, minha mãe tomou Eulita nos braços, levou-a para a cozinha e foi buscar uma

pinça. Minha outra irmã, Deanna, e eu observávamos tudo em silencioso temor, enquanto Eulita gemia e gritava quando minha mãe começou a tediosa tarefa de gentil e metodicamente remover cada um daqueles espinhos.

Deanna e eu olhávamos por uma pequena abertura através da porta da cozinha. Queríamos ver nossa mãe. Seus lábios estavam apertados, uma expressão que ela conservava sempre em momentos de profunda contemplação e consagração, e tão logo ela acabou o trabalho vimos sua testa profundamente franzida. Minha ansiedade aumentou e interpretei a expressão de seu semblante como uma decisão de nos castigar. Talvez estivesse pensando que éramos culpadas pelo que ocorreu.

Finalmente, nada aconteceu conosco. Os espinhos do cacto foram suficientes para cobrir uma grande lâmina de papel. Depois de aplicar um antisséptico no braço e no joelho de minha irmã, mamãe levantou-se abrupta e quietamente. Deanna e eu esperávamos a reprimenda e nos consolamos com a idéia de que, se isso acontecesse, era melhor que a sorte de Eulita. Permanecendo atentas aos seus ferimentos, não percebemos onde mamãe tinha ido. A próxima coisa de que me lembro foi a visão dela, a passos largos, empurrando um carrinho de mão onde estavam um machado e uma pá. Foi direto ao local onde o cacto estava plantado e começou a cortá-lo.

Em questão de minutos ele estava cortado, caído e colocado em pedaços no carrinho de mão. Minha mãe voltou então a um canto no jardim, cavou um grande bu-

raco e ali jogou o antes glorioso cacto. Cobriu o buraco com terra, voltou à garagem, guardou as ferramentas, dirigiu-se a nós e falou: "Este

cacto nunca mais causará ferimentos a qualquer pessoa."

Em algum lugar, num velho álbum de fotografias da nossa família, provavelmente exista uma foto daquela planta. Voltando à minha vivacidade infantil, eu simplesmente fiquei contente por não ter sido punida. O cacto foi arrancado e, no dia seguinte, Eulita estava de pé e poderíamos continuar brincando e brigando uma com a outra, por alguns anos mais. A vida continuou.

Lições preciosas

De tudo o que aconteceu então, aprendi algumas lições da minha mãe, as quais, somente agora na vida adulta, posso realmente compreender. Aprendi, da sua boa vontade para sacrificar algo que lhe tinha produzido satisfação pessoal e admiração, que o amor às pessoas é mais importante que as coisas. Não importa quão valiosa seja uma coisa para nós, quanto prazer nos produza, embora seja uma boa coisa, se contribui para o sofrimento de outras pessoas, talvez devamos mesmo nos livrar dela. Minha mãe não iria permitir que qualquer coisa – por mais especial que fosse para ela – causasse qualquer dano a alguém que estivesse sob seus cuidados. Talvez ela não tivesse percebido antes que aquela bela planta pudesse ser um instrumento de tal prejuízo. Mas no momento em que viu o dano, ela não titubeou: cortou-o e o enterrou. E nunca mais fez qualquer referência a ele, nem ao fato em si.

Refletindo sobre esse incidente da minha infância, pensei que possivelmente também existam algumas coisas que são realmente prazerosas e gratificantes para nós, mas que podem causar algum dano a outras pessoas que convivem conosco. Em si mesmas, tais coisas podem nos dar prazer imediato, alegria e satisfação. A médio

Não importa quão valiosa seja uma coisa para nós. Se contribui para o sofrimento de outras pessoas, devemos nos livrar dela.

ou longo prazo, no entanto, talvez necessitem ser enterradas, sem hesitação.

Na liderança de um distrito ou de uma igreja, às ve-

zes, incorremos no erro de investir tempo e energia em intermináveis reuniões, e no atendimento das eternamente insatisfeitas necessidades de uma congregação. Esquecemo-nos de que nossas famílias podem se sentir feridas e negligenciadas. Enquanto cuidamos de muitas coisas, nossa família fica à mercê de si mesma. Ela nos vê diligentes em ministrar a outros, sem nunca dispormos de tempo para atendê-la. Não poucas vezes ficamos sobrecarregados e estressados em nosso trabalho, em detrimento da própria família. Necessitamos nos arrepender disso e devolver-lhe o tempo que tiramos dela.

Há ocasiões em que investimos dinheiro em alguma coisa que representa satisfação pessoal temporária. Mas isso pode significar deixar de fazer alguma coisa que verdadeiramente seja importante para toda a família. Se somos egoístas na maneira como usamos nossos recursos, talvez seja necessário cortar tudo aquilo que seja um atrativo no sentido de nos fazer cair nessa tentação.

Comunicação é uma valiosa habilidade pastoral. A palavra é um dos principais meios à nossa disposição para disseminar o evangelho. No entanto, esse mesmo instrumento, a língua, com o qual expressamos solenes mensagens do alto, pode se tornar cruel e abrasivo com nossos familiares quando estamos cansados, famintos, irritados e estressados. Algumas vezes, as palavras ferem. Semelhantemente às agulhas de um cacto, elas penetram profundamente e não podem ser facilmente removidas. Devemos cortar esse tipo de palavra do nosso vocabulário.

Convém que façamos periodicamente um inventário das coisas ou atitudes acariciadas em nossa vida que talvez estejam magoando outras pessoas. Possa o Senhor conceder a cada um de nós sabedoria para identificá-las e coragem para eliminá-las, sepultando-as antes que alguém seja ferido.



Paz na Tempestade

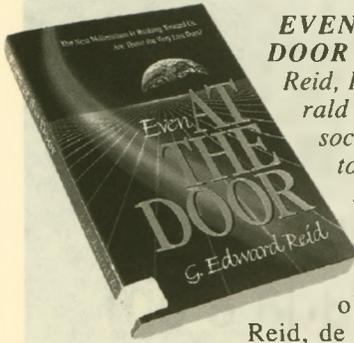
Caminho a Cristo,
agora em forma
de revista, toda
ilustrada e em
cores, para ajudá-lo
em seu ministério pessoal
pelo preço de um folheto.
Adquira quantas você quizer
e distribua entre seus ami-
gos, parentes e vizinhos.
Eles lhe serão sempre agra-
decidos. Peça ainda hoje a
um de nossos representantes
ou diretamente conosco.
Confira!

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 – CEP 18270-000 – Tatuí, SP
Tel. (015) 251-2710 – Fax (015) 251-2810

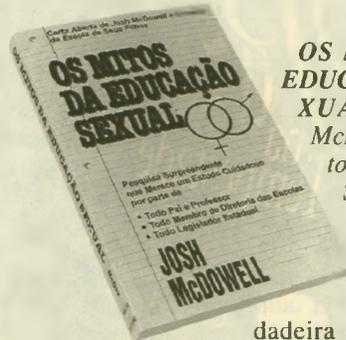


BIBLIOTECA DO PASTOR



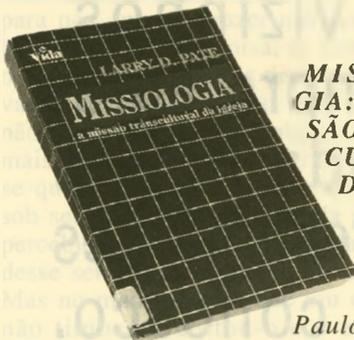
EVEN AT THE DOOR – G. Edward Reid, Review and Herald Publishing Association, Hagerstown, Maryland, EUA; 250 páginas.

Esta é mais uma obra do Pastor Reid, de caráter escatológico, no qual o autor apresenta irrefutáveis evidências atualizadas de que estamos no limiar de um solene período e do cumprimento da promessa de retorno, feita por Jesus Cristo. Acima de tudo, seu estudo provê encorajamento para a aquisição do preparo necessário para o mais espetacular evento da História.



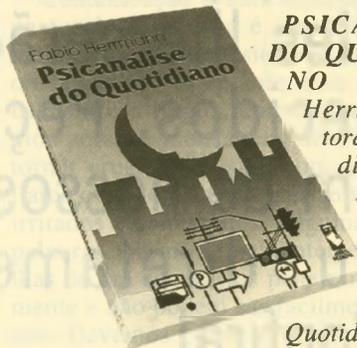
OS MITOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL – Josh McDowell, Editora Candeia, São Paulo, SP; 340 páginas.

Neste livro, verdadeira carta aberta aos membros da diretoria da escola de seus filhos, o autor expõe a futilidade da educação sexual “isenta de valores, moralmente neutra” da sociedade atual. À sua maneira otimista, mas cheia de bom senso, ele documenta como os pais, educadores e legisladores têm sido enganados pelo exagero e ocultação dos fatos. “Precisamos acordar”, diz Josh McDowell, “antes que seja tarde demais para nossos filhos.”



MISSIOLOGIA: A MISSÃO TRANSCULTURAL DA IGREJA – Larry D. Pate, Editora Vida, São Paulo, SP; 401 páginas.

Embora seja um texto de missões, foi preparado de tal forma que produzirá no leitor a motivação de crescer na vida cristã, levando-a à compreensão de como as normas culturais se combinam com as verdades eternas. É um manual de missões dirigido à América Latina, e indispensável a todo o crente interessado em conhecer princípios de crescimento missionário.



PSICANÁLISE DO QUOTIDIANO – Fábio Herrmann, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, RS; 248 páginas.

Psicanálise do Quotidiano é uma obra que merece ser apreciada por todos aqueles interessados nas contribuições que o pensamento psicanalítico contemporâneo pode oferecer para o questionamento da vida neste final de século, e por todos os profissionais comprometidos com um contínuo e recontextualizador repensar da Psicanálise.